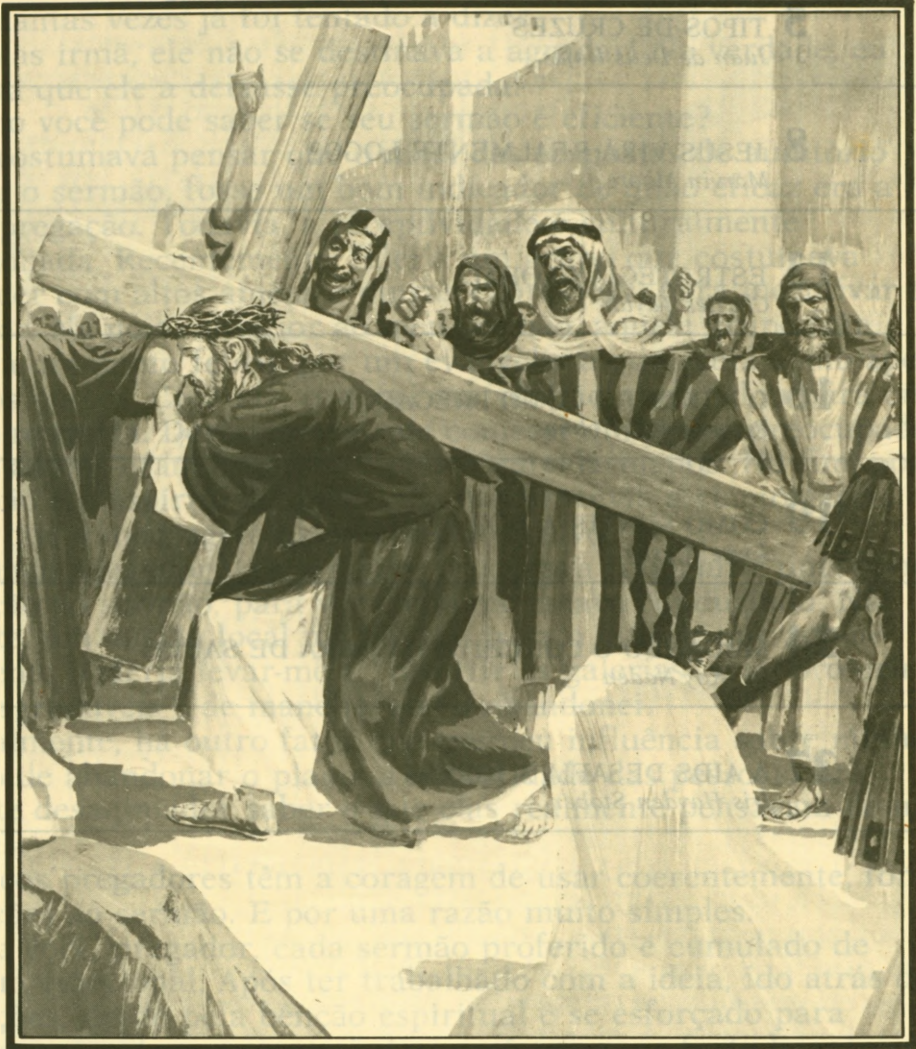


# Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



**Ele tomou sobre Si as  
nossas dores**

## ARTIGOS

**5** TIPOS DE CRUZES  
*Juan de Deus Rojas*

---

**8** JESUS VIRÁ REALMENTE LOGO?  
*Marvin Moore*

---

**13** ESTRATÉGIA GLOBAL  
*Charles Taylor*

---

**16** O MINISTRO COMO PREGADOR  
*Raymond C. Holmes*

---

**19** COMO SENTIR A DOR ALHEIA  
*Joyce Riggsby*

---

**24** MUDANDO O CONCEITO DA OBRA DE SAÚDE  
*Dr. Roy Naden*

---

**27** A AIDS DESAFIA A IGREJA  
*Iris Hayden Stober*

---



**Gerente Geral:** Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias H. Silva; **Colaborador Especial:** Amasias Justiniano, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Jorge Burlandy, Jefté Carvalho, Adamôr Pimenta.  
**Capa:** A. RIOS

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatui, SP.

## Seu Sermão foi um Sucesso?

“Gostei muito do seu sermão, pastor.”

Quantas vezes já ouviu você isto?

E quantas vezes já foi tentado a dizer:

— Mas irmã, ele não se destinava a agradar! Na verdade, eu esperava que ele a deixasse preocupada!

Como você pode saber se seu sermão é eficiente?

Eu costumava pensar que o nível das respostas do auditório durante o sermão, fosse um bom indicador de quão eficaz era a minha pregação. Todavia, a receptividade é culturalmente condicionada. Recentemente, falei a um grupo que costumava responder com altos améns e outras expressões, para incentivar o pregador. Na noite anterior ao meu sermão, aquele grupo fora levado a um ponto febril, por um evangelista que sabia como apertar todos os botões. Contudo, preguei um sermão que apelou para outro tipo de resposta. Devo admitir que comecei um pouco preocupado, pois os améns eram esparsos e pouco entusiasmados. No fim, porém, o silêncio e o espírito de meditação que envolvia a congregação diziam que a mensagem havia atingido o alvo.

Quando pregador inexperiente, procurava transmitir uma forma de reação ao sermão, para ver como me estava conduzindo. Não obstante, um ancião local me alertou para o fato de que aquele expediente poderia levar-me a “divertir as galerias” e a “proferir coisas agradáveis”, de maneira que o abandonei.

Finalmente, há outro fator que exerceu influência sobre minha decisão de abandonar o plano: a honestidade das pessoas. Era bastante desanimador saber o que elas realmente pensavam de meus sermões.

Poucos pregadores têm a coragem de usar coerentemente, formas de reações ao sermão. E por uma razão muito simples.

Para você, pregador, cada sermão proferido é cumulado de bagagem emocional. Após ter trabalhado com a idéia, ido atrás de ilustrações, orado pela bênção espiritual e se esforçado para encontrar as palavras apropriadas, você tem uma forte ligação com o produto acabado.

Durante e após a apresentação, o sermão é o seu bebê — seu próprio filho. E embora deseje que ele pudesse ter sido apresentado melhor, ou que fosse mais polido, ele ainda é o seu filho. O resultado da semente do Espírito Santo plantada em sua mente.

Não levou muitos meses de paternidade para eu descobrir que

nem todas as pessoas achavam engraçados os gracejos do meu filho. As pessoas que não têm ligações emocionais com uma criança, muitas vezes acham seu comportamento mais irritante do que divertido. O mesmo pode ser verdade com respeito aos sermões.

Mas a pessoa que responde a uma forma de análise de sermão, pode desconhecer que sua análise imparcial, prática, fere o pregador tão fortemente como a crítica de um membro da família. E os ouvintes que compreendem isto, talvez não sejam tão francos em suas críticas.

Assim, usar uma forma de reação ao sermão, pode ser desanimador. E aceitar chavões congratulatórios à porta, dificilmente é útil.

Como então, pode você saber se seu sermão é bem-sucedido?

Muitos livros sobre pregação tratam quase que exclusivamente de técnicas de preparo e apresentação de sermão, sem muita preocupação em saber se este foi realmente eficaz. Recentemente, porém, li o capítulo intitulado: “Os ouvintes da Igreja”, em *Persuasive Preaching Today* (A Pregação Persuasiva Hoje), de Ralph L. Lewis (Wilmore, Ky: Asbury Theological Seminary, 1979). Depois de mostrar que “são necessários dois para se fazer um sermão — um pregador e um ouvinte”, o Dr. Lewis enumera e descreve segredos que ajudam o sermão a comunicar. Com o título “Conexão ou Terreno Comum”, ele trata do conhecimento do auditório, da análise do auditório e da adaptação ao auditório. Em seguida, apresenta pontos específicos para desfazer as dúvidas naturais dos ouvintes com relação ao pregador, e para conseguir harmonia e aceitação. Salienta também a importância de estar num terreno comum com os ouvintes — de saber quais as suas necessidades e estar capacitado a falar em linguagem que lhes seja familiar.

Talvez a melhor maneira de conferir rotineiramente o nosso sucesso como pregador, seja ter um registro de verificação pessoal baseado numa fonte autorizada como o livro de Lewis, para analisar cada sermão.

Para saber se sua análise é correta, experimente fazer uma ligeira alteração na forma de reação ao sermão. Procure distribuir breves formas de reação ao sermão, usando apenas um ou dois critérios por semana, que peçam aos ouvintes para responderem a sua eficácia. Você poderá usar algum tempo para explicar o significado dos critérios enumerados, mas uma vez que seus ouvintes entendam o que se pretende, eles acharão mais fácil preencher essas breves formas, do que fazer a análise em profundidade, requerida pelas formas mais longas. Assim, talvez você possa receber uma porcentagem maior de respostas.

E as respostas serão mais fáceis para você também. Este método pode levar um pouco mais de tempo para revelar se você se está realmente comunicando ou não. No fim de várias semanas, porém, você observará um quadro de fraquezas e forças, e reconhecerá que estas o ajudarão a se tornar um pregador mais eficiente.

— *Kenneth R. Wade*

# Típos de Cruzes

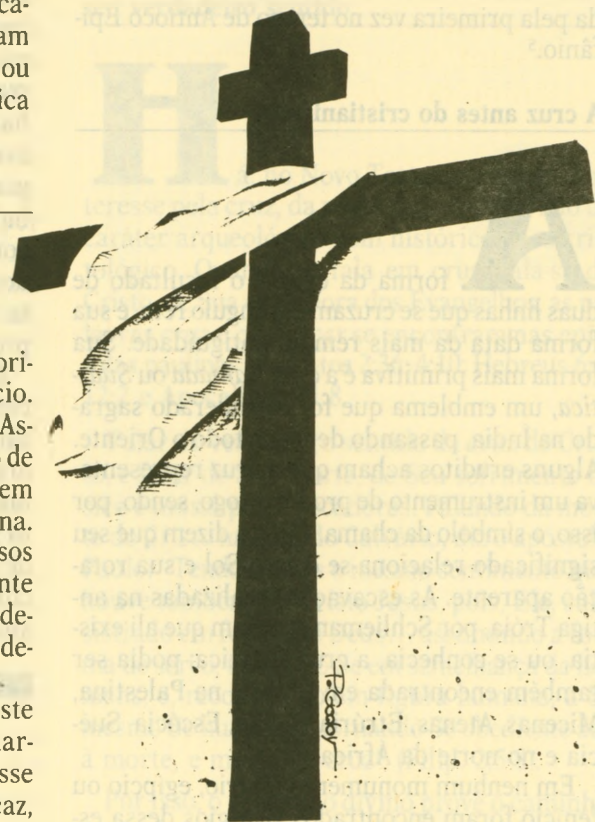
**C**rê-se que a palavra cruz vem do sânscrito, *krugga*, e significa “cajado”. Os gregos a chamavam *staurós*, que se traduz por “pá” ou “estaca”. Em hebraico a palavra significa “árvore”.<sup>1</sup>

## Instrumento de tortura

**M**uitas são as opiniões sobre a origem da cruz como instrumento de suplício. Aham alguns que foi Semíramis, rainha da Assíria e Babilônia, quem inventou este método de execução. Segundo Platão, a cruz teve origem no Oriente, de onde passou à Grécia e Roma. Outros, que baseiam suas opiniões em diversos documentos antigos, dizem que originalmente o sistema foi usado pelos persas, passando depois a outros povos, talvez os cartagineses e depois os romanos.<sup>2</sup>

Originalmente a cruz consistia de um poste fincado no chão, onde o condenado era amarrado, ficando a morrer de fome e sede. Esse procedimento parece não ter sido muito eficaz, de maneira que se procurou aprimorar a crueldade do método. Para isso, foram criados vários tipos de cruzes, como a *Bífida* e a *Decussata*; esta última tinha a forma de “X”.<sup>3</sup>

O Império Romano parece ter sido quem maior uso fez desse sistema de execução, pois o aplicava às nações conquistadas; não obstante, a cruz não era um castigo ao qual eram submetidos os cidadãos romanos, e sim, os escravos e os romanos que pertenciam às classes mais baixas, segundo Quintiliano e Suetônio. Entre os hebreus, este sistema não era usado; foi sob o domínio de Roma que ele começou a ser aplicado aos criminosos como um recurso extremo de execução.



Diz-se que este castigo era tão comum em Roma, que havia ali um lugar especial, chamado *Sessorium*. Situava-se do lado de fora da porta Esquilina e, segundo opiniões de contemporâneos, o lugar se parecia, às vezes, com um bosque de cruzes, uma vez que era muito freqüentado por toda espécie de aves de rapina.

Em geral, procurava-se fazer com que a cruz tivesse a mesma altura da pessoa julgada, a menos que se quisesse dar destaque ao horrendo castigo. Um exemplo mencionado por Suetônio, diz que Galva mandou crucificar um cri-

minoso numa cruz cujas medidas eram bastante incomuns, e mandou pintá-la de branco. Essa espécie de suplício deixou de ser presenciado em Roma até a primeira parte do século IV, D.C., quando foi abolida por Constantino em honra à paixão de Cristo.<sup>4</sup>

Os gregos fizeram também uso da cruz, mas fora da sua pátria. Uma vez Alexandre crucificou 2.000 tírios. Na Palestina, ela é mencionada pela primeira vez no tempo de Antíoco Epifânio.<sup>5</sup>

### A cruz antes do cristianismo

**A** forma da cruz é o resultado de duas linhas que se cruzam em ângulo reto, e sua forma data da mais remota antiguidade. Sua forma mais primitiva é a cruz *Gamada* ou *Suástica*, um emblema que foi considerado sagrado na Índia, passando depois a todo o Oriente. Alguns eruditos acham que a cruz representava um instrumento de produzir fogo, sendo, por isso, o símbolo da chama. Outros dizem que seu significado relaciona-se com o Sol e sua rotação aparente. As escavações realizadas na antiga Tróia, por Schlieman, revelam que ali existia, ou se conhecia, a cruz suástica; podia ser também encontrada em Chipre, na Palestina, Micenas, Atenas, Etrúria, Sicília, Escócia, Suécia e no norte da África.

Em nenhum monumento assírio, egípcio ou fenício foram encontrados vestígios dessa espécie de cruz, mas outros sinais de tipo cuneiforme. Esse tipo de cruz serviu de ornamento normal na Assíria e Cartago. A cruz *Ansata* é um emblema em forma de "T", com uma circunferência na forma de asa, em cima do ponto de inserção do braço principal. Esse sinal era comum no Egito.

Os cristãos coptas fizeram uso dessa cruz (*Ansata*) em algumas de suas representações. Na Idade de Bronze, o uso da cruz se espalhou como um sinal ornamental; explica-se isso pela grande freqüência com que se podem encontrar cruces e fios de arame com essa forma em vários lugares da Europa. Em terras americanas aparece também a cruz, uma vez que pode ser vista em obras de cerâmica e monumentos erigidos antes que o Novo Mundo fosse descoberto.<sup>6</sup>

**Q**uando o malfeitor ia ser crucificado, primeiro era açoitado da maneira comum, amarrado ao patíbulo; quase que simultaneamente, era levado ao lugar do suplício, pelas ruas apinhadas de curiosos. Isto, para exemplo aos demais e vergonha pessoal da pessoa punida. Costumava-se providenciar para que a haste vertical da cruz já estivesse no local da execução. Quando o condenado chegava ao lugar do suplício, amarrado ou pregado ao patíbulo, era erguido à haste vertical por meio de cordas, escadas, com as mãos, etc.; isto, segundo a altura da cruz, sendo depois pregado a esta. Os pés eram imobilizados com cordas ou pregos.

O crucificado podia durar vários dias consciente. Intensificava-se a sede abrasadora por causa da perda de sangue, e da desidratação do organismo, em virtude do suor e do calor. Juntavam-se a todas estas dores físicas o sofrimento moral, o peso de consciência e a vergonha de permanecer completamente nu diante dos curiosos e transeuntes que o observavam e amaldiçoavam, insultando-o.

Antes do Cristianismo, a cruz tinha um sentido de crueldade. Com a morte de Cristo, este sentido deixou de existir. Morrendo na cruz, Jesus a dignificou. Tornou-a símbolo de renúncia.

A opinião dos contemporâneos a respeito da cruz era: "O mais cruel e horrendo de todos os suplícios"; "o extremo e sumo suplício da escravidão"; "o mais terrível suplício antigo dos patíbulos"; "a morte mais vergonhosa". Segundo a opinião médica, a morte era produzida por câibras tetânicas e por sufocação, pois o sangue não podia circular pelos membros, que haviam sido violentamente esticados; dessa ma-

neira, o sangue era retido nos pulmões e dificultado no coração. Isto lhes causava grandes dores e os paralisava.

Sofriam, estando conscientes de tudo. Além de serem vigiados por soldados, quando morriam os executados permaneciam insepultos, enquanto eram presa das aves de rapina ou das feras do campo. A morte era, em alguns casos, acelerada mediante o *Crurifragium*, procedimento que consistia em quebrar-lhes as pernas com um garrote e, na falta deste, se utilizava a *Transfixão*, isto é, eram traspassados por uma lança. Também eram sufocados com fumaça, isto é, o método da asfixia.

Os familiares do condenado ou pessoas de muita influência, podiam tirá-lo da cruz. Às vezes, vivo; ou o cadáver. A todos era dada por escrito a causa da sua pena; ou, então, o motivo era fixado na própria cruz. Os dizeres eram muito breves e não podiam ser mudados. Continham o nome da pessoa e o seu crime.<sup>7</sup>

### A cruz e o cristianismo

**P**ara o cristão, a cruz é um símbolo, um sinal de redenção no qual Cristo operou a salvação do homem. Os primeiros cristãos lhe dispensavam carinho e devoção. Respeitavam este símbolo e procuravam plasmá-lo na vida diária, uma vez que o pintavam em objetos de uso comum e manual; nas paredes, sobretudo, das catacumbas; evitavam colocá-lo em seus monumentos; para isso, utilizavam outros emblemas e símbolos. Na forma de sombra, podem ser vistos sinais simbólicos da *Âncora*, do *Tridente*, do "X" e da letra grega "T", visto que estes além de encerrarem um sentido simbólico, como a esperança, o poder, a vara de Moisés, o monograma de Cristo, etc., podiam em sua constituição e no cruzamento das linhas, formar o sinal da cruz.

Quando Constantino, no século IV, D.C. (313) concedeu a paz à igreja, esta representação passou a não aparecer publicamente, uma vez que daí em diante este suplício, que pela morte de Cristo se tornou glorioso, foi proibido. Acredita-se que a cruz em que Cristo foi crucificado era uma cruz *Imissa*, isto é, que tinha um braço vertical, mesmo que excedesse o travesão horizontal.

Geralmente, quando a cruz é representada, aparece com um suporte para apoiar os pés (*Suppedaneum*). Segundo Gregório de Tours, baseado na tradição, cujo fundamento não é muito seguro, a cruz de Cristo media 2,80m na parte vertical, por 2,30 ou 2,60m na haste horizontal.

### A cruz no Novo Testamento: seu verdadeiro sentido

**H**á, no Novo Testamento, certo interesse pela cruz, da parte dos cristãos, não de caráter arqueológico nem histórico, mas cristológico. Quando se fala em cruz, fala-se de Cristo, de Sua cruz. Fora dos Evangelhos, as palavras *cruz* e *crucificar* se encontram nas epístolas paulinas e em Atos 2:36; 4:10; Hebreus 6:6; 12:2 e Apocalipse 11:8.

Falar do verdadeiro sentido da cruz de Cristo, é falar de Sua morte, de Seu sofrimento físico e moral pelos pecadores. Falando da morte de Cristo na cruz do Calvário, diz o apóstolo Paulo: "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois, Ele, subsistindo em forma de Deus... assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte, e morte de cruz" (Filip. 2:5-8).

Por isso, o sacrifício divino provê o caminho único de salvação para toda a humanidade. Na cruz, adquirem vida as palavras do próprio Cristo, ao dizer: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna."<sup>10</sup>

1. Alejandro Diez-Macho: *Enciclopedia de la Biblia*, Barcelona, Edit. Garriga, 1962, págs. 687 e 688.
2. *Idem*, pág. 684.
3. *Enciclopedia universal ilustrada*, Madrid, Espasa-Calpe, S.A. 1958, 1. XVI, pág. 606.
4. *Ibidem*
5. Alejandro Diez-Macho: *op. cit.*, pág. 684.
6. *Enciclopedia universal ilustrada*, *op. cit.*, págs. 604-606.
7. Alejandro Diez-Macho: *op. cit.*, págs. 685-687.
8. *Enciclopedia universal ilustrada*: *op. cit.*, págs. 606 e 607.
9. Jean-Jaques Von Allmen: *Vocabulario Biblico*, Madrid, Edit. Marova, 1973, págs. 69 e 70.
10. S. João 3:16.

# Jesus Virá Realmente Logo?

---

Depois de todos estes anos podemos ainda pregar que a Segunda Vinda é iminente?

**Q**uando tinha dez anos de idade, minha mãe disse alguma coisa a sua mãe, que incluía as palavras “quando eu crescer e me casar”.

Sua mãe respondeu:

— Ó, Honey, você jamais se casará. Jesus virá antes disso.

Isto aconteceu por volta de 1915. Hoje, minha mãe é avó e, provavelmente, viva até se tornar bisavó.

Os pioneiros adventistas que vieram do Grande Desapontamento esperavam que Jesus voltasse com certeza em 1860. Pensar que Ele adiará Sua vinda até 1900, ter-lhes-ia forçado a imaginação ao ponto de romper-se. Todavia, estamos hoje encostando no ano 2000. Aproximadamente 150 anos se passaram desde o Grande Desapontamento, e ainda continuamos esperando.

---

## Jesus virá realmente logo?

**O** movimento adventista foi edificado sobre a premissa de que Ele viria. Desde o início temos crido que Deus nos despertou com o propósito específico de advertir o mundo de Sua breve volta. Denominamos a nós mesmos de “a igreja remanescente” — a *última* igreja de Deus sobre a Terra. Ellen White nos identificou com “João Batista”, cuja missão principal é preparar o mundo para a segunda vinda de Jesus.

Mas até quando pode você continuar sendo “João Batista”? Até quando pode continuar advertindo o mundo de algo que nossos antepassados pensavam que aconteceria mais de um século atrás? Até quando pode você continuar crendo que é o remanescente, quando parece estar-se afastando todo o pano da cortina?

---

## Jesus virá realmente logo?

**O**s sinais dos tempos convenceram nossos pioneiros de que Ele viria. A queda das estrelas em 1833. Isto havia acontecido “doze anos atrás”, em 1845, mas hoje faz mais de 150 anos. O dia escuro aconteceu em 1789 — mais de 200 anos agora. O terremoto de Lisboa em 1755 — quase 250 anos atrás. Estes sinais inflamaram nossos pioneiros, fazendo-os pregar a mensagem adventista em todo o mundo. Contudo, aqui estamos, aguardando. Os sinais que incendiaram nossos pioneiros se parecem com relíquias em um museu de antiguidades.

---

## Jesus virá realmente logo?

**E**u afirmo: “Sim! Mil vezes sim!”

A própria demora que nos causa tanto sofrimento é um dos melhores sinais de que Sua vinda está próxima. “Mas se aquele servo, sendo

---

Marvin Moore  
Editor-associado na Pacific Press





A. RIOS

Com os últimos acontecimentos no Leste europeu, os conceitos sobre a Segunda Vinda de Cristo estão mudando. Esta parece agora bem mais próxima.

mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se, e passar a espancar os seus companheiros, e a comer e beber com ébrios, virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera, e em hora em que não sabe" (Mat. 25:48-50).

A demora é o maior de todos os sinais de que a vinda de Jesus está quase chegada.

É fácil apontar para os 150 anos passados e dizer: nossos pioneiros jamais sonharam que veriam o fim do século em que estavam. Quem somos nós, quase no fim do século seguinte, para supor que veremos o fim do nosso?

Não posso argumentar com essa espécie de lógica. Posso apenas citar a Escritura, e dizer: "Virá quando você menos o espera." Posso di-

zer apenas que estou grandemente preocupado, porque acredito que não seremos deixados outros vinte e cinco anos neste mundo — que, na verdade, não passaremos outros dez.

Isto não é lógica, é fé.

Contudo, minha fé é informada por certos sinais. Não o terremoto de Lisboa. Nem o dia escuro ou a queda das estrelas. Poucas pessoas se sentem impressionadas por qualquer desses sinais. Os sinais que me impressionam são os que estão acontecendo *agora*, e eu os partilho com você.

## O erguimento do papado

**P**or mais de um século os adventistas têm pregado que o poder político da Igreja Católica Romana receberia um grande alento no fim dos tempos, precisamente antes da segunda vinda de Cristo. A ferida mortal sangrava ainda, quando começamos a dizer isso, em meados dos anos 1800. O mundo zombava.

Mas consideremos isto. Em 1979 João Paulo II visitou os Estados Unidos e recebeu ruidosas boas-vindas. Um milhão de americanos — grande parte dos quais protestante — fez parte da multidão que ele dirigiu em Filadélfia.

No começo dos anos 1950, Harry Truman propôs enviar um embaixador ao Vaticano. Os protestantes americanos protestaram veementemente, e o presidente voltou atrás rapidamente. Mas em 1983 o Presidente Reagan levou a cabo o reatamento diplomático com o Vaticano e os protestantes americanos mal protestaram.

Havia ainda outro gigante no mundo que odiava todas as religiões, entre as quais a católica. Mas em 1989 o gigante se desmoronou, e agora a União Soviética estabeleceu relações diplomáticas com o Vaticano.

No fim de 1989 o Vaticano ajudou a resolver a crise do Panamá.

Aumentou o poder político do papado? Atendem para isto: "No princípio do seu sexto ano de papado, o Papa João Paulo II continua firmemente com a evidência que o cercou desde sua eleição-surpresa em 16 de outubro de 1978... O pontífice da Igreja Católica Romana tem conquistado altas marcas como intrépido defensor da paz, da justiça e dos direitos humanos. Diz um alto prelado americano em Ro-

ma: 'Em âmbito mundial, João Paulo se firmou como líder notável cujas opiniões têm valor.'

Não, isto não foi dito por um adventista. Foi um jornal e um repórter mundial dos Estados Unidos, em artigo publicado na véspera do sexto aniversário de João Paulo como pontífice da Igreja Católica.<sup>1</sup>

Durante mais de um século os adventistas estiveram pregando que o poder político do papado adquiriria influência no fim dos tempos. Na maior parte desses anos nossa pregação parecia ser fantasia. Mas desejo que observem que o poder político do Vaticano explodiu *precisamente nos últimos quinze anos*.

## O crescimento do espiritismo

**P**or mais de um século os adventistas têm pregado que o espiritismo dominaria o cenário mundial exatamente antes da segunda vinda de Cristo. Isto parecia absurdo em meados dos anos 1800. Para muitos americanos as irmãs Fox eram uma brincadeira familiar. O resto do mundo nem mesmo havia ouvido a seu respeito.

Em 1929, Richard Niebuhr escreveu: "É inútil buscar salvação numa fé oriental, cujas formas de pensamento são estranhas, cujo espírito é estrangeiro, cujos ideais e idéias estão em franca oposição à filosofia e aos interesses do mundo moderno... O observador realista da vida social, ao mesmo tempo que compreende a beleza estética do credo oriental, sabe que já vai longe o dia, que já vai muito avançado o dia de atividade do Ocidente, para a realização de um novo alvorecer dessa espécie de luz oriental."<sup>2</sup>

Lembro-me ainda com espanto, de quantos americanos são, racionais e de mentalidade científica, nos meus dias de colégio, em meados de 1950, se deixaram seduzir por alguma coisa tão mística, tão esotérica, como as bolas de cristal e as sessões em salas na penumbra.

Mas consideremos isto. Em 1969, uma Pesquisa Gallup informou que um americano em cada cinco, cria na reencarnação. Hoje o movimento Nova Era popularizou o misticismo oriental em toda a América. Quase todas as livrarias têm uma seção Nova Era. Há 600 mil filiados da Nova Era só nos Estados Unidos.

Shirley MacLaine e outras celebridades têm contribuído para a divulgação de tais práticas espíritas.

Muitos bem conhecidos executivos, cientistas e jornalistas são agora defensores das idéias e das práticas da Nova Era. Diz MacLaine: "Tenho visto diretores de bancos, médicos e executivos visitarem médiuns, a procura de orientação. Fico nessas sessões onde eles fazem perguntas a entidades espíritas sobre economia, bolsas de mercadoria e projeções para a depressão mundial e OPEC."<sup>3</sup>

A crença na Nova Era é talvez a religião que mais cresce no mundo hoje. Ela tem ocupado a direção espiritual de milhões de ocidentais que deixaram a religião tradicional.

Durante mais de um século os adventistas estiveram pregando que o mundo espírita experimentaria um grande avanço no fim dos tempos. Ao longo da maior parte desse tempo, nossa pregação parecia ser uma fantasia. Mas desejo que notem que a Nova Era explodiu no mundo ocidental *praticamente nos últimos 15 anos*.

## O novo direito

**P**or mais de um século os adventistas vinham pregando que a separação entre a igreja e o Estado na América chegaria a um fim, em grande parte por meio da insistência de protestantes americanos conservadores, e que a América do Norte se tornaria assim um poder perseguidor.

Essa idéia parecia tão sem nexos cem anos atrás que o Rev. Theodore Nelson, escrevendo na introdução ao *Seventh-day Adventism Renounced*, de D. M. Canright, disse: "Nada pode ser mais absurdo do que sua (dos adventistas) interpretação dos acontecimentos em curso e, especialmente, sua crença em que nossos governos geral e dos Estados estejam a ponto de se converterem em instrumentos de perseguição e despotismo religioso... Tal mudança seria um milagre maior do que Deus fazer surgir num instante um grande carvalho."<sup>4</sup>

Não faz muito (1960), João F. Kennedy foi forçado a tomar um voto de apoio ao princípio de separação entre igreja e Estado, para apaziguar protestantes nervosos.

Mas consideremos isto. O novo Direito Religioso tem declarado guerra aberta ao princípio fundamental da América do Norte, de separação entre igreja e Estado. Escrevendo no *Journal Fundamentalist*, de Jerry Falwell, o autor Paul Henry disse: “Contrariamente à crença contemporânea, a ‘separação entre igreja e Estado’, como definida por decisões recentes da Corte Suprema dos Estados Unidos, não está em harmonia com as crenças e os desejos dos planejadores e artífices da Constituição... Sua (primeira emenda) não ordenava separação em 1787; ela não autoriza agora.”<sup>5</sup>

## As leis sobre separação entre Igreja e Estado correm perigo de perder o seu significado. Isto é um forte prenúncio do breve regresso de Jesus.

Durante uma entrevista na televisão CBS, alguns anos atrás, um repórter perguntou ao Dr. W. A. Criswell, pastor da Primeira Igreja Batista de Dallas, Texas, o que ele achava da idéia da separação entre igreja e Estado. O pastor do Texas respondeu: “Creio que esta noção da separação entre igreja e Estado foi a invenção da imaginação de algum infiel.”<sup>6</sup>

Thomas J. White, um pouco conhecido mas determinado e fanático membro de igreja, ataca a neutralidade religiosa das escolas públicas da América do Norte, chamando-as de “infiéis”. Ele ataca abertamente o muro de separação entre a igreja e o Estado, dizendo que ele “se assemelha ao muro de Berlin, no sentido de que destrói a liberdade”.<sup>7</sup>

Vários anos atrás, tive uma conversa com o Dr. John Wood, diretor do departamento da

igreja e Estado da Universidade Baylor em Waco, Texas. O Dr. Wood me disse que acreditava que o princípio da separação entre a igreja e o Estado nos Estados Unidos estava sentenciado. “Não é uma questão de saber se este princípio será ab-rogado na América do Norte”, disse ele, “mas apenas quando.”

O presidente Reagan enviou três decretos à Corte Suprema que exercerão um impacto duradouro sobre aquela instituição. Leis liberais da corte sobre o aborto já estão sendo mudadas. O que não se sabe tão bem é que leis liberais da corte sobre a igreja e o Estado também serão muito provavelmente mudadas dentro dos próximos anos.

O Sr. William Rehnquist, Presidente do Tribunal de Justiça da Suprema Corte, é abertamente contra o princípio americano de separação entre igreja e Estado. Escrevendo sua discordância no caso *Wallace vs. Jafree*, que deu lugar ao momento de silêncio nas escolas públicas de Alabama, o Sr. Rehnquist disse: “O ‘muro de separação entre a igreja e o Estado’ é uma metáfora baseada na história incorreta, uma metáfora que se mostrou inútil como guia para julgar. Ela deve ser franca e explicitamente abandonada.”<sup>8</sup>

Por mais de um século os adventistas estiveram pregando que a separação entre a igreja e o Estado chegaria ao fim nos Estados Unidos, abrindo caminho para a legislação que impõe o domingo como dia nacional de repouso e de culto. Ainda não vemos leis dominicais na América do Norte, mas o precursor destas leis — a destruição do princípio de separação entre a igreja e o Estado pelo “Novo Direito” dos protestantes da América — está adquirindo contornos rapidamente. Durante a maior parte de nossa história, nossa pregação sobre um fim para a separação entre a igreja e o Estado parecia fantasia. Mas quero chamar sua atenção para o fato de que o Novo Direito explodiu na América especialmente nos últimos 15 anos.

Pergunto a você: Sendo que as três principais predições a respeito dos acontecimentos finais que os adventistas vêm pregando por aproximadamente 150 anos explodiram nos últimos 15 anos, é tempo de deitar-se e dizer: “‘Meu Senhor tarda em vir’ — afinal Jesus não virá logo”? É tempo de dizermos: Afinal, não devemos ser a igreja remanescente. As mensagens de João Batista e Elias eram uma invenção da imaginação fértil de Ellen White”?

Respondo Não! Mil vezes Não!

Mais ainda. Acredito que na última metade de 1989 Deus nos deu outro dramático sinal da proximidade de Sua vinda: O império comunista no Leste Europeu desmantelou-se. O acontecimento me tirou o sono. De repente verifiquei que os movimentos finais *serão* realmente rápidos.

E não estou sozinho. Meu trabalho me põe em contato com adventistas de toda a América do Norte, e por onde passo, ou para onde telefono, noto que os adventistas reconhecem o Leste Europeu como um sinal poderoso. Este não é um movimento organizado. Nenhum pregador carismático hipnotizou esta igreja, levando-a a pensar que os acontecimentos da Europa Oriental são um sinal do fim. Isto é espontâneo. É como se todos o vissemos a um só tempo, prendêssemos todos a respiração e dissêssemos todos: "Oh!"

Não posso mostrar-lhe um só verso de Daniel ou de Apocalipse e dizer: "A Europa Oriental cumpre *esta* predição." É mais sutil do que isto. É o espontâneo, o coletivo reconhecimento da Europa Oriental como um sinal do fim que me convence de que o Espírito Santo está na obra, procurando alertar a todos nós.

Na semana seguinte à derrubada do Muro de Berlin, os líderes políticos mundiais especulavam que as duas Alemanhas provavelmente se uniriam algum dia no século vinte e um. Mas no fim do ano a especulação já havia levado a admitir a reunificação alemã no fim do século vinte. Hoje ela já aconteceu.

De início, perguntávamos se o comunismo cairia na Checoslováquia. De repente, caiu. Depois, cogitávamos se ele cairia na Hungria, e caiu rapidamente. Em seguida, começamos a pensar a respeito da Romênia, e caiu também ali.

Os líderes políticos mundiais não sabem o que aconteceu. Mas os adventistas sabem: Deus mostrou ao mundo que Ele está encarregado da História. Os movimentos finais serão rápidos, porque Deus está no comando.

Virá o dia, no futuro bem próximo, quando Deus cuidará de Sua igreja com maior poder ainda do que o que vimos na Europa Oriental. Em breve veremos esta mensagem explodir. Não por causa de qualquer coisa que façamos em nossa própria força, mas em virtude daquilo que Deus fará por nosso intermédio e a despeito de nós.

Não posso provar isto. *Eu creio nisto.*

## Nossa resposta

**J**esus virá *realmente* logo? Não há nenhuma sombra de dúvida em minha mente. Tenho uma sensação, um pressentimento, de que os anos 1990 produzirão grandes mudanças em nosso mundo — que poderemos celebrar a passagem do milênio na Nova Jerusalém.

Qual deve ser a nossa resposta a estes acontecimentos dos últimos 15 anos e dos últimos 15 meses?

Acima de tudo, devemos orar para que Deus nos dê poder. Nossa maior necessidade é de que o Espírito Santo venha sobre nós no poder da chuva serôdia, para purificar-nos do pecado e operar por nosso intermédio para a conclusão de Sua obra. Às vezes minha esposa e eu oramos: "Senhor, mostra-nos aquilo que precisamos saber a fim de estar prontos para o fim do tempo."

Percebo que muitos de nosso povo estão adormecidos, especialmente no mundo ocidental. Por felicidade, não são todos. O que acha você que aconteceria se cada adventista que está atento ao significado dos acontecimentos atuais se unisse em um concentrado esforço, suplicando a Jesus que não adie o Seu retorno por outro meio século? O que aconteceria se cada um de nós nos ajoelhassemos e dissêssemos: "Senhor Jesus, chegou o tempo. Posso não estar preparado, mas gostaria de estar. Faze-me pronto. Por favor, vem *agora*."

Acredito que Deus responderia a estas orações. Convido-o a fazer esta oração junto comigo.

1. *U. S. News and World Report*, outubro de 1984, pág. 51.
2. H. Richard Niebuhr, *The Social Sources of Denominationalism* (Gloucester, Massachusetts: Peter Smith, 1929), pág. 187.
3. *Ladies' Home Journal*, junho de 1983, pág. 33.
4. Rev. Theodore Nelson, LL. D., "Introduction" a *Seventh-day Adventism Renounced* (Cincinnati, Ohio: Standard Pub. Co., 1889), págs. 20 e 23.
5. Paul Henry, "Church and State Separation: Is It Truly Constitutional?"
6. *Fundamentalist Journal*, julho/agosto de 1984.
7. Robert L. Maddox, "Dr. Criswell Spoke Too Quickly", *Church and State*, outubro de 1984, pág. 23.
8. De uma carta de Robert Maddox, de 7 de dezembro de 1988, a constituintes e defensores de Americans United for Separation of Church and State.
9. Citado na revista *Church and State*, de janeiro de 1990, pág. 24.

# Estratégia Global

Ter apenas presença em cada nação não é suficiente. Estratégia Global visa a todos os grupos de famílias, línguas e povos.

**A**lcançar um novo grupo de um milhão de pessoas cada dia nos próximos dez anos — eis o desafio apresentado à igreja pelo Comitê de Estratégia Global. Esse desafio foi sancionado pelo Concílio Anual, e deveria ser apresentado à sessão da Associação Geral de 1990.

Nem sempre os adventistas pensaram no amor ao mundo como um traço positivo de caráter. Em sua primeira epístola João adverte contra amar os interesses do mundo e outras influências pecaminosas. Mas em seu evangelho o mesmo autor nos diz que Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna (João 3:16). Jesus mandou que os Seus discípulos amassem “uns aos outros assim como Eu vos tenho amado”. E os comissionou com estas palavras: “Ide por todo o mundo.” “E sereis Minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da Terra” (Marcos 16:15; Atos 1:8).

Subir em uma escada e olhar para o seu quarto da altura do lustre, dá a você uma perspectiva diferente da que você tem olhando do chão. O Comitê de Estratégia Global o convida a subir a escada e obter uma nova visão da Igreja Adventista no mundo. Durante um século estivemos olhando o mundo em termos de países. As Nações Unidas relacionam 215 deles. Os adventistas já penetraram e mantiveram uma representação em 184 destes. Dos 31 países não penetrados, apresentados em nosso relatório estatístico anual de 1988, o Afeganistão (18 milhões) é o maior, seguido pela Arábia Saudita (14 milhões) e a República Árabe Síria (12 milhões). Quatro outros países têm entre cinco e 10 milhões, oito têm entre um e cinco milhões de habitantes, e 16 têm apenas uma fração de



milhão. Dois destes têm apenas 1.000 cada. Reunida, a população destes 31 países é menos de dois por cento da população do mundo. Dessa maneira, essas estatísticas fazem parecer que os adventistas já alcançaram 98% do mundo com o evangelho.

E os relatórios mais recentes indicam que a situação está melhorando. Depois que foi compilada a lista de 1988, foi organizada uma igreja adventista nos Emirados Árabes Unidos. Estão sendo dados passos para penetrar em Djibouti, Somália, Arábia Saudita e na República Democrática do Iêmen (Áden).

Mas simplesmente relacionar nações como “penetradas” ou “não penetradas” dá uma idéia distorcida da penetração da igreja, realizada na população do mundo. Nos países que relacionamos como penetrados, há grupos de pessoas a serem alcançados, os quais compreendem populações maiores do que a de alguns países que consideramos não penetrados.

A prefeitura de Mianyang, na província de Si-

---

Charles Taylor  
Secretário do Comitê Estratégia Global

tura. O comitê está pedindo que demos testemunho a todos os grupos étnicos, lingüísticos, geográficos, culturais, ocupacionais e sócio-econômicos do mundo. Ao fazermos isto, não devemos dar a mesma prioridade às poucas pessoas da Johnston Island, que damos para alcançar o 1,1 bilhão da China.

chuan na China, por exemplo, tem uma população de 13 milhões, e é apenas uma das 192 prefeituras não penetradas da China. Mesmo em países cristãos há enclaves de minorias étnicas não cristãs. Um de nossos amigos missionologistas cristãos chama esses grupos de as pessoas ocultas. Muitos desses grupos são mais isolados pelas barreiras da língua. No pensamento evangélico atual, eles são colocados entre os grupos de pessoas não alcançadas. Recentemente se calculou que existem 12.000 desses grupos ainda não alcançados pelo cristianismo. Alguns deles são muito pequenos, mas outros incluem vários milhões de pessoas.

O Comitê de Estratégia Global está motivando a igreja a abandonar o conceito de país, no que diz respeito a missões, e partir para o alvo de alcançar cada pessoa na Terra — cada cria-

tório circundado por nossas Divisões mundiais, 350 estão na Divisão da Ásia Meridional, principalmente na União Setentrional.

Com o nosso alvo para populações determinado, o próximo passo é começar a lançar uma estratégia para alcançá-las. Cada população exigirá uma estratégia diferente, por causa das necessidades que experimenta, sua língua, sua vida urbana, agrícola, ou nômade, seu nível educacional e muitos outros fatores.

---

## Todas as unidades geográficas do mundo deverão agora ser atingidas.

---

A estratégia *global* deve ser terminada, até o ano 2000, por meio da soma dessas estratégias individuais, do emprego de um testemunho cristão em cada uma dessas 1.800 populações visadas. Se dermos prioridade a essas populações visadas onde não existe nenhum testemunho cristão, os cristãos sinceros de outras denominações nos respeitarão por isso. Onde outros cristãos já estão trabalhando, deveríamos visitar os seus líderes e apoiá-los, ajudá-los a participar de nossa luta para transmitir o evangelho em sua plenitude, e oferecer nossa cooperação na terminação de um testemunho tal. Este testemunho deve, da posição vantajosa da perspectiva própria dos adventistas, repartir as bênçãos do evangelho na plenitude do primeiro, sua esperança no futuro e, segundo, seu estilo de vida que ajuda a encher a vida de saúde e alegria.

Os pioneiros de nossa igreja vieram de um fundamento cristão e tinham por base as verdades fundamentais do evangelho. E eles empreenderam a maioria de suas buscas evangelísticas entre pessoas que já haviam crido na mensagem básica do cristianismo. Alcançar um novo grupo de um milhão de pessoas cada dia entre muçulmanos, budistas, hindus e comunistas não é a mesma coisa que iniciar um xyz final para pessoas que já aceitaram a parte principal do "alfabeto" cristão. Mas não são só os vocabulários religiosos e as formas de pensa-

### A visão global

---

**A** população do mundo passou da marca dos cinco bilhões, no momento em que nosso comitê iniciou esta análise, em meados de 1987. Dividimos a população mundial em 5.000 unidades geográficas de cerca de um milhão cada, e verificamos que, pela graça de Deus, os adventistas estão testemunhando em cerca de 3.200 delas.

Isto deixa umas 1.800 unidades geográficas nas quais não temos nenhuma obra em andamento. Destas, 1.150 estão fora do território incluído em nossas Divisões mundiais de agora, e exigirão atenção especial da Associação Geral. As áreas que possuem maiores concentrações de unidades geográficas não penetradas são a República Popular da China, a Ásia Central Soviética, as áreas islâmicas da África do Norte e do Oriente Médio, as áreas hindus dentro e ao redor da Planície Gangéstica, e as áreas budistas do sueste da Ásia.

Das 750 unidades que estão dentro do terri-

mento que criam barreiras à disseminação do evangelho. Há, também, 271 línguas faladas por um milhão ou mais de pessoas, entre as quais ainda não temos um trabalho. Estas já foram identificadas e levadas em consideração no planejamento estratégico da Rádio Mundial Adventista, mas as respostas aos programas de rádio precisam ser acompanhadas pelo contato pessoal. Afinal, é o ministério do ser humano que é eficaz — O Verbo feito carne — que chegava às pessoas e nelas tocava com a linguagem do corpo. Isto requer conquistar a confiança das pessoas e seu consentimento para viver entre elas.

## Estratégias práticas

**N**um livro publicado em 1988, David B. Barrett e James W. Reapsome sugerem dezesseis maneiras de os cristãos lidarem com os desafios dos países fechados. Oito delas são postas em funcionamento por meio de cristãos nascidos nesses países, e oito por meio de cidadãos de outros países.

Entre essas maneiras, três há que são especialmente apropriadas à consideração dos profissionais adventistas e estudantes universitários. Visto a maioria dos leitores da revista *Ministry* se encontrar em países nos quais a igreja adventista está bem firmada, darei destaque às estratégias dos que não são cidadãos ou não são residentes.

A estratégia “fabricante de tendas”, refere-se a Paulo, que empregava sua habilidade de fazer tendas para ganhar o sustento, enquanto dava testemunho e pregava o evangelho. Uma agência enumera 15.000 oportunidades de os cristãos conseguirem emprego oferecendo as habilidades especializadas exigidas pelos governos que os recebem, muitos deles de países “fechados”.

Sabemos de um engenheiro civil, da equipe de cardiologistas de Loma Linda e do pessoal da ADRA, que estão na demanda e desenvolveram uma amizade duradoura em países nos quais um missionário adventista jamais poderia obter um visto de permanência. Sabemos também de adventistas que serviram em países “fechados” como diplomatas ou pessoal de embaixada de seus governos. Seus contatos e

amizades fortaleceram e encorajaram a vida espiritual no país para onde foram, e prepararam o caminho da obra de Deus, a fim de que se abrissem portas para missões mais diretas (e as portas estão sendo abertas).

Os turistas adventistas, especialmente da Europa e dos Estados Unidos, mas com frequência cada vez maior, de outros países como o Japão e a Austrália, podem viajar extensamente pelas maneiras jamais sonhadas por nossos pioneiros. Os contatos feitos e as amizades travadas nessas excursões, podem ser usados por Deus para abrir o caminho para o testemunho.

O intercâmbio de estudantes e professores pode ser uma via de comunicação de mão dupla. Sabemos de jovens que têm ido estudar em universidades de países fechados, cuja vida serviu de testemunho para alunos e professores que os sucederam. E alguns colégios e universidades adventistas têm admitido alunos não adventistas vindos de países fechados. E cultivar a amizade dos cidadãos dos países fechados, que vêm estudar em nosso país, talvez seja uma das vias mais fáceis para o evangelismo, pois as pessoas que se acham em um novo ambiente muitas vezes são receptivas a mudanças.

Além dessas estratégias, nossa obra em países fechados dependerá do trabalho profissional leigo aos governos desses países, do assentamento subvencionado de famílias em áreas onde possam continuar vivendo como pessoas leigas que se sustentam, e do reforço das universidades que têm aceito alunos adventistas de países fechados. Cultivar a amizade dos cidadãos dos países fechados, que moram em nosso país, talvez seja uma das vias mais fáceis para o evangelismo, pois as pessoas que se encontram em novo ambiente muitas vezes aceitam mudanças.

Amar o mundo pode acabar sendo simplesmente isto — viver o amor de Deus entre pessoas que não conheceram este amor, ou que, tendo-o conhecido com um nome diferente (como, por exemplo, Alá), podem ser levadas a admiti-lo e partilhá-lo. Algumas dessas pessoas podem nunca vir a adotar o nome adventista do sétimo dia ou mesmo cristão, porque as pessoas entre as quais vivem interpretariam mal o título e rejeitariam nossa mensagem profética oculta, por causa da experiência passada com cristãos que agiram de várias maneiras não cristãs.

# O Ministro C

**V**inte e oito anos atrás um professor de seminário me disse: “Quando a pregação deixar de existir, também a igreja deixará.” Essa declaração começou o que para mim se tornou um caso de amor com a atividade homilética. Com grande entusiasmo e determinação, comecei a explorar a tradição da pregação e descobri que eu fazia parte de uma longa fila de pregadores, que retroagia a Moody e Jonathan Edwards, Wesley, Calvino e Lutero, indo até o apóstolo Paulo, o próprio Senhor Jesus Cristo, os profetas do Antigo Testamento e, finalmente, Deus o Pai, cuja voz na Criação pôs o mundo em seu curso e no Sinai deu à humanidade sua ordem interior. Descobri que o reavivamento e a reforma, a vida espiritual na igreja eram contingentes na proclamação da palavra bíblica.

Nesse ponto, tomei duas importantes decisões: Primeiro, que em meu ministério daria a máxima prioridade à pregação; e, segundo, que dedicaria a maior quantidade de tempo e energia ao estudo e prática de homiléticas. Não me tenho decepcionado com as decisões que tomei, e as repetiria alegremente e sem hesitação. Na verdade, já houve ocasiões em minha vida ministerial em que reafirmei essas decisões.

Como você observa, creio na pregação.

Estou convencido do poder da pregação pelo que esta tem feito por mim não só como ouvinte, mas como pregador. Sem a pregação, o povo não ouviria nenhum trovão vindo do Sinai, nenhuma graça procedente da cruz, nenhum cuidado oriundo do santuário celestial, nenhuma esperança do futuro.

Para que haja poder no púlpito, precisamos crer. Em primeiro lugar, devemos crer em Cristo e na mensagem bíblica — Paulo chama isto “o mistério”. E a seguir devemos crer em nossa vocação para o ministério e a própria pregação, que pertence “ao ministério da reconciliação” (II Cor. 5:18-20).

“Como, porém, invocá-los se não os crerem? e como crerão se não os ouvirem? e como os ouvirem se não os pregue?”

## Crer no evangelho

**A**os cristãos, Paulo testemunhou: “Está escrito: ‘Cri; por isso falei.’ Com este mesmo espírito de fé nós também cremos e por isso falamos” (II Cor. 4:13, NIV). Este verso é posto no contexto de uma passagem excitante em que Paulo fala do ministério de maneira bastante pessoal em relação ao evangelho, o chamado para o ministério, e a pregação do evangelho. Tanto a estrutura de sua pregação como sua concepção do papel que exercia como pregador, derivavam do seu encontro com Cristo, seu conhecimento de Cristo e sua fé em Cristo. Sua pregação, por isso, era histórica, redentora e pessoal. Com base em tal pregação, a fé e a obra da igreja permanecem de pé ou caem.

Acho que o melhor exemplo bíblico da relação entre mensagem, pregador, pregação e resultados é a história do vale de ossos secos do livro de Ezequiel. Quando pregou para aqueles ossos a mensagem que Deus lhe deu, eles receberam o dom da vida! Não pelo fato de ele ter pregado — mas porque ele pregou a mensagem que lhe foi dada.

Não podemos fazer coisa alguma a partir de nada — seja no púlpito ou em qualquer outro lugar. Deus pode fazer alguma coisa sem depender de nada. Nós não podemos. Precisamos começar com um elemento. Não é isto que devemos pretender da verdade; isto é o que a verdade deve exigir de nós. Devemos livrar-nos

---

Raymond C. Holmes  
Professor do Seminário Teológico da  
Universidade Andrews



# mo Pregador

o Aquele em que não  
Aquele de quem nada  
ão, se não há quem  
m. 10:14).

de nosso intelectualismo orgulhoso, de nossas opiniões.

Se você e eu estivermos convencidos da mensagem bíblica, não procuraremos concordar com o pensamento moderno que parece gostar mais de perguntas do que de respostas. A fé robusta é suspeita hoje em dia. É chamada de fanática, ignorante, ingênua, inculta, por aqueles que pensam que possuem algum conhecimento secreto que ninguém mais tem. Seremos mais aceitos pelo mundo moderno se crermos menos e duvidarmos mais. Mas isto não salvaria uma única alma!

Recentemente um intelectual adventista perguntou-me: "O senhor está realmente muito certo quanto a nossa mensagem e o futuro de nossa igreja?" Fiquei tão assustado com a pergunta que não pude responder imediatamente, mas disse que sim, que estava. Faz-me isso andar de passo errado? Se é assim, prefiro marchar sozinho — mas acho que não marcharia só. Não crer na mensagem bíblica ou na pregação é como estar numa luta de travesseiros, armado apenas com uma fronha vazia — com a diferença que esta atividade em que nos encontramos não é nenhuma luta de travesseiros.

Muitas vezes permitimos que nossas dúvidas continuem sem ser contestadas. Que acha de concentrá-las na cabeça? Que me diz de lutar com elas como o fez Jacó com Deus no Jaboque? O que acha de crermos em nossas crenças e duvidarmos de nossas dúvidas?

Se não crermos, não temos nenhum interesse pela pregação. Se não somos tocados pela mensagem, poucos dos nossos ouvintes o serão. Se, porém, crermos, devemos pregar! Se a mensagem bíblica se apossou de nós e nos prendeu e sacudiu, há grande probabilidade de que por nosso intermédio ela prenda também o nosso coração. Se crermos, pregaremos com ardor;

isto, quando nós mesmos nos surpreendemos com os pensamentos que o Espírito Santo nos concede. Devemos experimentar no coração o que conhecemos com a mente. Enquanto a verdade não tiver aquecido o coração do pregador, não pode ela aquecer nenhum outro coração indiferente.

Para pregarmos bem e com poder, precisamos preparar nossos sermões com cuidado e oração. E nós, os pregadores, devemos estar preparados para pregar. Nós preparamos os sermões. O Espírito Santo nos prepara. Como disse Sangster, a maior pregação acontece não quando pregamos bem, mas quando se "falou por nosso intermédio".

O estudo da Palavra é importante; ele nos torna profundos. Mas pobre de você e de mim — e pobre da igreja, para não falar do mundo — se nosso estudo serve apenas para despertar nos sentidos, sem intensificar nossa espiritualidade. Importante como é o estudo da Palavra, é a oração pela Palavra que nos faz arder. Sabe você o que faz a oração em favor da pregação? Ela nos faz descer aos pormenores. Descer à honestidade. Descer ao nosso povo. À brevidade. Livra-nos do nosso orgulho e pomposidade. Põe-nos em contato com a mente de Deus. Esvazia-nos a fim de que o Espírito possa encher-nos. Retira nossa própria força, a fim de que Deus nos possa conceder a Sua.

É a convicção que converte. É perigoso ouvir pregadores que não estão convencidos. Eles não se servem do argumento: "Sob certas circunstâncias isto talvez seja verdade." Antes, insistem: "Isto é o que diz Deus." Se não podemos saber o que é a verdade e pregá-la como a verdade, ninguém prestará qualquer atenção ao que temos para dizer.

## Crer na pregação

**N**ão há necessidade de ler muito as cartas de Paulo para ficar sabendo que ele não só cria no evangelho, como também acredita-

va no que era chamado a ser e fazer. Ele cria na pregação. Para ele, o chamado para pregar fazia parte do chamado para ser cristão, para ser apóstolo. Estava associado a sua fé em Cristo. Ele sempre falava de Cristo, do evangelho e da pregação em relação um com o outro. Estes eram para ele realidades inseparáveis.

Mas somos os únicos no programa agora. É nossa vez. Paulo cumpriu o seu ministério. Agora devemos cumprir o nosso. O que significa para nós ser pregadores?

---

## A recomendação é pregar a toda a criatura.

---

Paulo enfrentou resistência a Cristo e ao evangelho. Enfrentou o ceticismo e a irreligiosidade. Enfrentou formas de secularismo e materialismo. Separados da experiência de Paulo por quase dois milênios, enfrentamos um desafio que possui suas semelhanças e, contudo, é muito diferente. Além das dificuldades que Paulo enfrentou, temos que lidar com a mentalidade científica, para a qual é muito difícil obter a fé.

Por causa desses desafios, alguns pregadores perderam a fé na pregação. Acham eles que a pregação é um meio fora de moda, antiquado, de comunicação, relegado ao montão de ruínas da história. Mas é realmente assim? Jesus não mais se comunica por meio da pregação?

Paulo disse aos romanos que eles não poderiam crer, não poderiam invocar o Senhor ou ouvir o que Cristo dissesse, sem um pregador (Rom. 10:1-15). O fato de algumas pessoas se recusarem a ouvir, ou ouvirem com indiferença, não indica que Jesus deixou de falar por meio da pregação. Há indícios de que as vidas são ainda transformadas pela proclamação da Palavra de Deus. Nações foram transformadas por pregadores como Lutero, Calvino e Edwards. A pregação da Reforma, dos reavivamentos wesleianos, alterou o curso da História. A pregação de Whitefield, de Spurgeon, Moody, Sunday e Graham despertou grandemente grandes cidades como Londres e Nova Iorque. Cem anos atrás toda a Finlândia setentrional e partes da Suécia foram transformadas pela pregação de um agricultor itinerante.

Não nos esqueçamos de que Deus fez de Seu Filho um pregador. Uma das primeiras coisas que Marcos nos diz sobre Ele é que “foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus” (Marc. 1:14). Desde então a igreja cristã sempre teve pregadores. Aquilo que Deus juntou — o pregador, a mensagem e o método — não separemos. Não teremos nenhum poder para pregar se não crermos na pregação. E se crermos nela, dedicar-nos-emos firmemente a ela. Faremos isso com relação a nossas responsabilidades teológicas, pastorais e evangelísticas. Se crermos na pregação, não diremos que nada mais podemos aprender a seu respeito.

Além disso, sofreremos por amor a nossa pregação, como o fizeram Paulo e outros. Provasse a dedicação ao ministério pela disposição de sofrer, se necessário, para levá-lo avante.

Nossa igreja defende nossa crença na pregação, colocando a pregação da Palavra como a principal prioridade entre as quatro áreas básicas do ministério pelas quais somos responsáveis — pregação, pastorado, treinamento e evangelização. Em 1894 Ellen White escreveu: “A pregação do evangelho é o meio indicado por Deus para converter as almas.”<sup>1</sup> Em 1898 ela escreveu: “A pregação da Palavra não deve ser subestimada.”<sup>2</sup> E em 1901: “A pregação do evangelho é o grande método do Senhor para a salvação de almas.”<sup>3</sup>

Naturalmente, seus pontos de vista sobre a pregação foram progressivos, como resultado da experiência e da reflexão. Ela observava e analisava de maneira prática e teológica o que estava fazendo na proclamação pública. Nisto serve ela de inspirador exemplo a todos os pregadores adventistas. Ela cria na pregação e serviu de modelo dessa crença para todos nós. O poder de sua influência como pregadora nesta igreja é insofismável.

Nossa necessidade hoje não é de nova teologia. Necessitamos de pregadores renovados! Pregadores que conheçam a Jesus Cristo e que tenham dedicado a vida a pregar a mensagem bíblica!

Você e eu somos os depositários de uma grande tradição homilética. Agradeçamos a Deus por ela, aceitemo-la e preguemo-la com toda a alma, paixão e fé que em nós existe.

---

1. *Manuscrito 38.*  
2. *Manuscrito 107.*  
3. *Carta 11.*

# Como Sentir a Dor Alheia

---

Unir o coração ao das pessoas tristes, traz sofrimento. Mas traz também alívio.

**L**ogo após a morte de Bob, encontrei-me com um jovem ministro que conheci no Centro Adventista do Livro, local.

— Lamento — disse ele, quando nos detivemos no corredor.

Fiquei pensando, quando vi que se retirou:

— Sabe ele que Bob morreu, ou está triste porque ele está com câncer?

Mais tarde, ele disse a um amigo dele e meu:

— Fiquei tão sem jeito que não sabia o que dizer a ela.

Creio que essa declaração serviu de base para este artigo.

Durante toda a nossa vida, entramos em contato com aqueles que necessitam de conforto. Há uma grande variedade de pessoas que estão feridas: o divorciado, o desempregado, os sem-teto e muitos outros. Dessa forma, embora eu esteja escrevendo para ministros, do meu ponto de vista como pessoa que sofreu uma perda, os princípios se aplicam a toda pessoa que socorre a outra no sofrimento.

Antes da morte de Bob eu ignorava que a maioria dos ministros precisasse aprender como lidar com pessoas enlutadas, e que muitos não haviam aprendido. Eu era suficientemente ingênua para achar, de forma sentimental, que o ato da ordenação conferia extraordinários poderes de consoladora à pessoa ordenada. Acho que não estou sozinha ao assim pensar.

— Isto não é justo — dirá você.

Também não é justo esperar mais dos filhos

do pregador do que de outros — e não é justo que Bob tenha morrido.

---

## Por que alguns ministros acham difícil consolar aqueles que sofrem

---

**E**screver este artigo é como recordar o meu sofrimento. Cada ministro com quem falei, forneceu novos vislumbres. Entendo agora melhor por que muitos pastores têm dificuldade de ajudar os enlutados. O que vem a seguir são citações diretas daquilo que os pastores me falaram:

“Temos dificuldade de enfrentar nossa própria mortalidade. Ela nos deprime.”

“Jamais nos ocupamos das nossas próprias perdas passadas.”

“Nunca experimentei uma perda.”

“Não nos sentimos bem com a morte e não sabemos como agir.”

“Fomos treinados para manter o controle, e temos medo de perder o controle.”

“Não somos motivados o suficiente para fazer disso uma prioridade.”

“Queremos distância do sofrimento.”

“O conselheiro sentimental dispõe de uma quantidade de tempo que não temos.”

“Os ministros jovens ficam marcados pelo primeiro funeral que realizam. Eles precisam ser treinados.”

Vou usar as duas primeiras declarações e de-

---

Joyce Rigsby  
Ex-missionária na Etiópia e professora  
no  
Atlantic Union College

pois tirarei as minhas próprias conclusões.

“Temos dificuldade de enfrentar nossa própria mortalidade.” Em *Death The Final Stage of Growth* (A Morte, Último Estágio do Crescimento), Mwalium Imara explica que devemos aprender a morrer, a fim de que possamos aprender a viver — que embora tenhamos a última oportunidade de crescer quando nos encontramos às portas da morte, esse crescimento não deve esperar pela crise em nossa vida. As qualidades que indicam estarmos capacitados a lidar confortável e produtivamente com a morte, são as mesmas que distinguem o ser humano em crescimento em qualquer estágio de sua vida.<sup>1</sup>

O jovem ministro que disse: “Nos funerais, penso que aquele poderia ser o meu funeral”, precisa agir como se estivesse perdendo um ente querido, a fim de estar capacitado a enfrentar a morte juntamente com a pessoa enlutada.

Há aqueles que jamais tiveram que haver-se com as suas próprias perdas. Certo ministro declarou: “Meus pais morreram com seis meses de diferença um do outro, enquanto eu estava no campo missionário. Jamais alguém perguntou pelo meu retorno aos Estados Unidos. Eles foram sepultados sem que eu soubesse que eles haviam morrido.” É concedido aos ministros tempo para lidar com suas próprias perdas? Ou uma perda após outra é desprezada sem que haja algum aproveitamento?

A expressão de dor é muitas vezes silenciada em nossa sociedade. Elizabete Kubler-Ross fez muita coisa para legitimar a conversa sobre a morte e a agonia, mas seus estágios de negação, ira, barganha, depressão e aceitação não devem ser tomados como recomendações. Eles podem ser usados como estrutura da qual explorar o sofrimento.

As quatro fases de Bowlby também são úteis:

1. Torpor — desde algumas horas até dias.
2. Anelo e procura — pode durar anos.
3. Desorganização e desespero.
4. Maior ou menor grau de reorganização.

Essas fases não são necessariamente sucessivas, mas podem ser simultâneas. Enquanto estou atravessando com grande intensidade a quarta fase, ainda me desespero alguns dias e tenho saudades de Bob.

Em *Grief Recovery* (A Recuperação do Pesar), Larry Yeagley enumera as funções do sofrimento como:

1. Vir ao lugar onde a perda é considerada uma realidade.

2. Experimentar a dor e o sofrimento causados por uma ruptura maior.

3. Voltar ao ambiente familiar ora dividido.

4. Dizer “até logo”.

Ter realmente sofrido por causa da perda de um ente querido, pode tornar a pessoa qualificada de modo especial para ajudar o enlutado. Proteger-se contra os efeitos de suas próprias perdas é uma razão pela qual os ministros não são eficientes ao lidar com os aflitos. É importante agir baseado nas próprias perdas — passadas e presentes.

---

## As razões por que pastores não gostam de celebrar cerimônias tristes variam, de acordo com a autora deste artigo. Todas, porém, residem no despreparo para esse momento.

---

Yeagley faz quatro sugestões: pensar, escrever, falar e chorar.

1. Pensar de acordo com os acontecimentos anteriores e seguir suas perdas. Reavive-os na memória. Não tenha medo de seus pensamentos. Você pode precisar lembrar-se de algum lugar que foi significativo para você e para a perda. Talvez uma sepultura. Pense em como você foi vestido, o que disseram um para o outro.

2. Conte seus sentimentos. Fale de seu diário, de Deus ou da pessoa perdida; como é a vida sem eles. Expresse sua dor, ira ou solidão.

3. Procure encontrar uma pessoa não sentenciosa (de preferência que não tenha perdido ente querido recentemente), que esteja disposta a ouvir sem sentir a necessidade de responder.

Sonde as profundezas de sua perda como se elas fossem recentes.

4. Chore. Encher os olhos de lágrimas pode facilitar o crescimento e o entendimento.

Muitos concordam em que embora o ministério do sofrimento seja um mal necessário, poucos estão dispostos a agir de conformidade com suas próprias perdas, enfrentar sua própria mortalidade e escolher um cenário onde possam aprender a se tornar consoladores eficientes. Alguns escolhem trabalhar com um programa de asilo, casas funerárias, ou se juntam ao grupo de Educação Clínica Pastoral. O aprendizado pode ocorrer nesses ambientes sem o envolvimento emocional intenso de uma perda pessoal.

### A integração da mente e dos sentimentos

**D**epois de uma entrevista nesta semana, senti-me em contato com o processo do sofrimento de modo especial. Por quê? Perguntei a mim mesma. De repente me veio a resposta. Larry havia formulado a integração quase total da mente e dos sentimentos durante nossa conversa. Ele havia mudado facilmente, e por escolha do seu intelecto, para suas emoções. Estes estavam ambos a seu serviço, e foi-lhe possível usar cada um a serviço dos outros.

Pude perceber as lágrimas na voz quando disse: "Cada morte era uma grande perda para mim. ... Eu não tinha dificuldade de sentir com a família." Mas depois falou de técnicas que usava, as quais lhe permitiam desempenhar a função pastoral durante os funerais, como chorar no escritório pastoral antes do funeral. Ele mostrou o que eu estivera procurando alcançar a vida inteira, durante anos — a habilidade de mover-me à vontade entre minha mente e sentimentos, que é um sinal da pessoa bem-integrada.

Depois da entrevista, fui para casa e li em *The Act of Will* (O Ato da Vontade), de Assagioli: "A polaridade entre 'mente' e 'coração', entre a razão e o sentimento (Logos e Eros), é regulada, primeiro, pelo reconhecimento de suas respectivas funções e do legítimo campo de ação que pertence a cada uma das duas funções, de maneira que nenhuma domina a outra. Isto pode ser acompanhado de uma mútua e crescente

cooperação e interpretação entre as duas, chegando finalmente à síntese tão bem expressa por Dante nas palavras 'luz intelectual plena de amor'."<sup>2</sup>

Ellen White sugere que analisemos nossos sentimentos, e mostra que muitas vezes exige luta para controlar os sentimentos, mas que estes podem ser controlados pelo domínio da vontade que, uma vez rendida a Cristo, é aliada a Seu poder.<sup>3</sup>

Cristo foi tocado com os sentimentos de nossas enfermidades (Heb. 4:15) e Paulo aconselhou: "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus" (Filip. 2:5).

### Opinião ou emoções

**V**ocê pode ser uma "pessoa de opinião", que não chora facilmente. Talvez lhe tenha sido dito que "homem não chora". Você pensa nas coisas de maneira racional e anima a pessoa triste a olhar o lado brilhante da vida e a procurar ajudar a outros. Às vezes, muito depressa.

Talvez as "pessoas de opinião" descrevam a si mesmas como construtoras intelectuais, até quando alguém pergunta como se sentem. Eu estava ouvindo um ministro descrever o serviço funeral mais difícil que ele havia realizado. "Como o senhor se sentiu?" perguntei. Ele respirou fundo. Depois me disse quão bem o casal de jovens se sentiu a seguir. Considera ele os sentimentos e as sensações como periféricos, ou os ignora grandemente porque tem necessidade de distanciar-se deles, muitas vezes?

Porque não permitem que a tristeza as afete emocionalmente, as pessoas de opinião sofrem pouco ao dirigirem serviços fúnebres. Os funerais se tornam comuns; são parte de sua profissão. Não há nenhuma dificuldade em controlar-se, pois elas não sabem descontrolar-se. Talvez elas nem saibam distinguir as lágrimas quando estas são iminentes, mas se desviam delas antes de tomarem consciência de que estão perto de vir à superfície.

As pessoas de opinião precisam lembrar-se: "Tenho uma opinião, mas não sou minha opinião. Minha opinião é uma valiosa ferramenta de descoberta e expressão, mas não é a essência do meu ser."<sup>4</sup>

De igual maneira, a pessoa que age predominantemente baseada em uma emoção pode precisar dizer: "Tenho emoções, mas não sou minhas emoções. Minhas emoções são diversificadas, alteráveis, muitas vezes contraditórias. Elas podem variar desde o amor até o ódio, da calma até a ira, da alegria à tristeza; e, todavia, minha essência — minha verdadeira natureza não se altera."<sup>5</sup>

Um funeral pode ser de modo especial difícil para as pessoas que se afetam com facilidade e não mantêm facilmente o controle de suas emoções. Elas podem esforçar-se demais para se controlar e se tornam incapazes de ser espontâneas ou autênticas. Elas podem parecer frias e indiferentes, quando na verdade estão profundamente comovidas.

Assim essas pessoas compassivas evitam as pessoas enlutadas ou utilizam suas energias para tirar a pessoa enlutada do seu sofrimento — muitas vezes prematuramente. "Toda emoção e sentimento doloroso desperta o desejo e o impulso de eliminar a sua causa."<sup>6</sup>

Como Larry, quão poucos são capazes de sentir com o enlutado e, depois, na ocasião oportuna, indicar-lhe bondosamente o meio de escape do sofrimento!

Muitas pessoas com as quais falei, salientaram a necessidade de distanciar-se ou afastar-se do enlutado, a fim de continuarem controladas. É quando essa distância ocorre automaticamente — sem liberdade de escolha — e é depois mantida, que os consoladores se tornam ineficazes para o enlutado.

Em primeiro lugar, precisamos aprender a nos inteirar de nossas identificações, e depois escolher, cuidadosamente, a identificação que cremos ser a que mais se ajusta aos nossos propósitos.

Escolher nossa identificação é um ato da vontade. Se você diz: "Sou uma pessoa de opinião, esta é a minha maneira de ser", você pode dissociar-se das emoções e não estar incorporando a mente e o coração em sua resposta ao sofridor.

### Sugestões aos consoladores

**H**á muitas coisas que qualquer consolador pode fazer em benefício do enlutado.

Fiz uma lista de coisas que têm ajudado, baseada em minha própria experiência e na de outros. Não importa quanto você tente, não daria a resposta certa todas as vezes, mas continue tentando — o que é ofensivo em um ponto, pode ser confortador em outro.

1. Eles me trataram como o único indivíduo e não pretendiam saber como me sentia. Eles achavam que a pessoa aflita é afetada por vários fatores:

- a. A qualidade e o tipo de relacionamento com o falecido;
- b. O tipo de morte;
- c. O apoio, a viabilidade e a resposta dos amigos e outros;
- d. Perdas anteriores sem solução;
- e. Outros estresses ou traumas graves simultâneos;
- f. Fatores sócio-demográficos;
- g. Personalidades características.<sup>7</sup>

2. Eles evitavam o uso de chavões. "Fale de coração ou não fale nada", aconselha Parkes em *Bereavement*. "Não há uma coisa adequada para ser dita numa ocasião como esta: fórmulas cediças servem apenas para aumentar a distância entre o enlutado e o não enlutado."

3. Eles ficaram sabendo que me era importante falar sobre meus sentimentos se eu achasse como. Não tinha importância se esses sentimentos eram irreais ou inúteis. Eles entenderam que se eu pudesse explorá-los em atenciosa companhia, minha própria sensação de realidade seria suficiente. Eles entenderam também que falar sobre as recordações de Bob com amigos me era importante.

4. Eles receberam estas sugestões de mim durante a conversação. Prestavam atenção se eu desejava falar. Não perguntavam, quando eu estava em silêncio. Não exigiam que eu sáisse e fizesse alguma coisa para alguém sem que estivesse preparada. Eles conseguiram entender o meu comportamento. Uma irmã disse: "Percebo em seus olhos o que vai em seus sentimentos."

5. Eles sabiam por intuição, ou haviam aprendido por experiência, que o falar não deve encher o ar o tempo todo. O falar leviano, irrelevante pode tornar-se doloroso para o recém-enlutado. Eles não costumam falar demoradamente e em pormenores sobre suas perdas. Seu vazio, de maneira inexpressa, permite-me saber que aceitam o sofrimento. Entenderam

que o enlutado sente necessidade de silêncio para que tudo se resolva. Sua presença num momento em que eu era companhia desditosa era a coisa importante.

6. Eles se tornaram capazes de usar o contato de maneira apropriada. Perceberam o equilíbrio entre um abraço de urso que me deixa sem poder respirar e uma postura distante que aumentava o meu isolamento. Eles se sentavam suficientemente perto para me alcançar e me reanimar pelo contato. É curioso que a maioria dos milagres de Cristo envolviam o tocar a pessoa que Ele curava. A imposição das mãos tem valor terapêutico real.

7. Eles compreenderam que quando eu perguntava: Por quê? depois da morte de Bob não estava pedindo um estudo bíblico. Era um braço de angústia, e não requeria uma resposta intelectual. É possível, especialmente aos ministros, estar tão preocupados, falando a respeito de Deus, que quase se esqueçam do aflito. Deus não precisa que nós O defendamos.

8. Eles choraram comigo. "Muitas vezes se afigura tranqüilizador para a pessoa enlutada, quando aqueles que se encontram mais perto mostram que não estão com medo que os sentimentos de tristeza apareçam. Estas expressões comuns de tristeza fazem a pessoa enlutada sentir-se compreendida e diminuem a sensação de isolamento que ela provavelmente esteja sentindo."<sup>8</sup> Os assistentes devem mostrar, por sua disposição de revelar os próprios sentimentos, que não estão envergonhados deles nem são inúteis para eles. Isto mostra ao recém-enlutado que é permitido ficar triste. "Deve existir uma disposição de comprometer-se, a despeito do custo emocional."

9. Eles me perguntaram o que eu gostaria de fazer — aceitando minha necessidade de seguir o tempo durante a transição em minha vida. Eles sabiam que dissipar o sofrimento consome energias e dedicar-se demais retardará o processo. Houve um tempo em que precisei ser ajudada, a fim de que pudesse ajudar depois a outros.

10. "A solicitude deve vir de dentro para fora, para que seja autêntica." Eles partilharam vislumbres da profundidade de sua experiência. Não precisavam olhar textos. Não importava de onde vinham as citações; se estas constituíam uma parte deles, estavam partilhando. O Salmo 23 jamais foi tão significativo para mim como por ocasião da morte de Bob. Mas

ele era partilhado comigo por alguns que estavam andando na sombra da morte comigo, não por alguém que aconselhava das linhas laterais. É diante da morte que você pode revelar se foi consolado com a consolação de Cristo.

Em *Lament For A Son* (Lamento Por Um Filho) Nicholas Wolterstorff pergunta: "O que você diz a alguém que está sofrendo? Algumas pessoas são dotadas com palavras de sabedoria. A estas, ficamos muito agradecidos. Houve muitas desse tipo para nós. Mas nem todas são dotados dessa maneira. Algumas proferiam coisas estranhas e ineptas. Isto também está certo. Suas palavras não precisam ser sábias. O coração que fala é mais ouvido do que as palavras faladas. E se você não pode pensar em absolutamente nada para dizer, diga apenas: 'Não sei o que dizer. Mas espero que saiba que estamos com você em seu sofrimento.'

"Ou então, só abrace. Nem mesmo as melhores palavras podem afastar o sofrimento. O que as palavras podem fazer é testificar que há mais do que dor em nossa jornada na terra até um novo dia. A maior de todas as coisas é o amor. Expresse seu amor. ...

"Mas, por favor: Não diga que ela não é realmente tão má. Porque é. A morte é terrível, demoníaca! Se você acha que sua tarefa como consolador é dizer-me que realmente, todas as coisas consideradas, não são tão más, não se sente comigo em meu sofrimento, mas fique distante de mim. Do lado de lá, você não é de nenhum préstimo. O que preciso ouvir de você é que você reconhece quão penoso é. Preciso ouvir de você que está comigo em minha depressão. Para consolar-me, você tem que aproximar-se. Vir sentar-se ao meu lado em meu banco de sofrimento."<sup>9</sup>

1. Elisabete Kubler Ross, ed., *Death The Final Stage of Growth* (Englewood Cliffs, New Jersey: Spectrum/Prentice-Hall, 1975), pág. 147.
2. Roberto Assagioli, *The Act of Will* (Nova Iorque: Viking Press, 1973), pág. 124.
3. Ver Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 2, pág. 564 e vol. 5, pág. 601.
4. Assagioli, pág. 215.
5. *Idem*, pág. 214.
6. *Idem*, pág. 193.
7. Carol Staudacher, *Beyond Grief* (Oakland, Califórnia: New Harbinger Publications, 1987), pág. 238.
8. Colin Murray Parkes, *Bereavement* (Madison, Connecticut: International Universities Press, 1987), pág. 180.
9. Nicholas Wolterstorff, *Lament for a Son* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing Company, 1987), pág. 34.

# Mudando o Conceito da Obra de Saúde

---

Que resultados produziu a primeira conferência sobre a missão do Sistema Adventista da Saúde/Sunbelt? Quantas decisões foram tomadas?

**Q**ual a missão dos hospitais adventistas? O presidente do Sistema Adventista de Saúde/Sunbelt (SAS/Sunbelt), Mardian Blair, acredita que a resposta a esta pergunta é fundamental para o futuro dos hospitais adventistas. Dessa maneira, criou a Conferência Sobre a Missão em Orlando, Flórida, no final de semana de 25 a 28 de janeiro de 1990.

A finalidade da conferência foi mostrar o que os hospitais estão fazendo para cumprir sua missão, ouvir o conselho de líderes da igreja e trazer à tona aspectos que precisam ser remediados à obra de tratamento da saúde que satisfaça as expectativas da igreja.

Estiveram presentes uns cento e vinte e três líderes relacionados com a saúde e a igreja, entre os quais representantes de Uniões, Associações, diretores de hospitais, pastores, médicos, capelães, representantes de SAS dos Estados Unidos, ocidentais, NEMA e os editores do *Ministry* e *Southern Tidings*.

Numa sessão matinal do comitê-diretor da comissão, Blair declarou: "Gostaria que tudo fosse colocado na mesa. Nada deve ser ocultado." Com esse espírito, determinou que a pesquisa entre os administradores da igreja, os ministros e os médicos adventistas buscasse pontos de interesse comuns. E trouxe os resultados aos delegados da conferência, para discussão.

Os pesquisadores entrevistaram 49 indivíduos (20 pastores, 21 médicos SAS/Sunbelt e 8

presidentes de Associações) e, durante entrevistas de 45 minutos, procuraram saber, por meio de perguntas inteligentes, o que eles pensavam a respeito da missão dos hospitais adventistas e os pontos de interesse sobre a operação dos hospitais SAS/Sunbelt.\*

As conclusões foram distribuídas em seis categorias principais, e estas se tornaram os temas da Conferência sobre Missão, como segue: 1) a visão da missão; 2) barreiras para entender a missão; 3) critérios para medir o sucesso da implantação da missão; 4) como envolver os cristãos de outros credos na missão de cuidar da saúde; 5) a observância do sábado; e 6) unir o cuidado da saúde e os ministérios da igreja.

A primeira e mais importante descoberta foi que os presidentes, os médicos e os pastores entendem a missão cada qual a seu modo — muitas vezes cada um de maneira diferente do outro. Em praticamente todas as perguntas feitas, os resultados dos três exemplos foram diferentes. E talvez aqui esteja a realidade da qual vêm algumas das perguntas que estão sendo feitas presentemente sobre a missão dos hospitais adventistas.

Todas as perguntas feitas na pesquisa foram discutidas de várias maneiras na conferência. Em primeiro lugar, tanto o líder de uma igreja como o de um hospital fizeram uma breve apreciação sobre cada uma das questões. Em seguida, os participantes se dividiram em pequenos grupos e discutiram cabalmente cada questão.

---

Dr. Roy Naden  
Professor de Educação Religiosa na  
Andrews University



Seguiu-se uma discussão plenária na qual os representantes de cada um dos grupos menores relatou as sugestões feitas em seus grupos. Finalmente, os participantes puseram em ordem suas sugestões, votando suas opiniões de acordo com a ordem de importância destas. Os votos foram contados em um sistema computadorizado que projetou os resultados numa grande tela onde todos podiam vê-los.

O resultado da pesquisa preliminar da conferência deu mais de 80 páginas. É apresentado um breve resumo das constatações em um *box* que acompanha este artigo. Mudanças significativas de concepção aconteceram sem discussão.

Não houve unanimidade com respeito ao emprego de pessoas de outras denominações, como enfermeira-chefe e chefe de departamento. Houve acordo amplo mas não unânime, quanto aos vice-diretores e diretores dos hospitais serem adventistas. A mesma unidade já não houve quanto a pessoas de outras denominações servirem nos quadros do hospital.

---

## O sistema de saúde defendido pelos adventistas vem alcançando boa aceitação entres os membros de nossa igreja, bem como entre pessoas de fora.

---

A observância do sábado entrou em discussão, sendo precedida por uma agitada apresentação feita por Des Cummings Júnior sobre os milagres de Jesus realizados no sábado. Ele ressaltou, por exemplo, que nenhum dos sete indivíduos que Jesus curou no sábado tinha um problema agudo, de maneira que todas as curas poderiam ter sido adiadas sem perigo para a vida do paciente.

Na pesquisa que antecedeu à conferência, houve críticas severas a atividades no sábado, mas virtualmente nenhuma sugestão foi feita quanto à maneira de promover uma abertura importante quanto à observância do sábado.

A conferência foi premeditadamente planejada para ocorrer num fim-de-semana, para permitir que os participantes e suas respectivas esposas adorassem juntos. Na sexta-feira à noite e sábado de manhã, as atividades religiosas foram realizadas na bela igreja luterana, no centro da cidade de Orlando. Ali, uma coisa ficou patente: O Sistema de Saúde destina-se a utilizar sua situação privilegiada; isto é, nos Estados Unidos é mais comum os membros encontrarem adventistas em nossos hospitais do que em qualquer outro lugar.

Durante uma reunião da conferência, realizada no sábado, o presidente anterior do SAS/US, Don Welch, contou que havia ido à sala de espera do Hospital Flórida fazer uma ligação telefônica. Enquanto esperava, notou que dois visitantes discutiam sobre onde deviam comer. Um deles disse que o restaurante do andar superior estava fechado porque "os adventistas não comem no sábado!" Isto levou a intensa discussão sobre tornar o sábado o dia mais importante da semana na questão alimentar. Os delegados discutiram também a viabilidade dos serviços que cuidam da saúde e a importância de ter adventistas de plantão para promover um ambiente espiritual dinâmico no hospital durante as horas do sábado.

Os participantes deram nota 4,4 para a sua satisfação com a conferência, numa escala de 5,0. Está planejada outra conferência para o início de 1991. Uma coisa é certa: quando os pontos de vista são tão variados, como o revelou a pesquisa da conferência preliminar e da conferência propriamente dita, é vital que o pessoal do hospital, os líderes da igreja, os pastores e os médicos se reúnam muitas vezes para procurar chegar a consenso.

O que aconteceu, precisamente, em janeiro? Como salientou o presidente Blair na manhã seguinte à conferência: "Esta foi uma das reuniões mais notáveis a que já assisti no Sistema de Saúde. É o importante começo de um novo período de discussão regular aberta, a fim de que o Sistema Adventista de Saúde possa esclarecer e prosseguir em sua missão até que o Senhor volte."

# Comparações da pré-conferência e da conferência

## Qual é a missão dos hospitais adventistas?

*Pré-conferência, antes da discussão, expressa como do total das respostas*

Prover cura total da saúde, exclusivo do adventismo .....	57
Ensinar o estilo de vida e crença do adventismo .....	53
Transmitir a mais elevada qualidade do cuidado da saúde .....	35
Facilitar o evangelismo adventista ...	24

*Durante a conferência, após a discussão, expressa numa escala de 5,0 — 1 é sem importância, 5 é muito importante*

Prover cura total da saúde, exclusiva do adventismo .....	4,7
Transmitir a mais elevada qualidade do cuidado da saúde .....	4,7
Revelar o caráter de Deus .....	4,5
Ensinar o estilo de vida e crença do adventismo .....	3,8
Facilitar o evangelismo .....	2,2

## Que barreiras impedem o progresso da missão?

*Pré-conferência — antes da discussão, expressa como % do total das respostas*

Necessidade de esclarecer a missão especial e torná-la prioritária .....	27
O sistema é induzido pelo mercado, não pela missão .....	27
O presente nível da dívida .....	22
Os padrões adventistas não são mantidos .....	22
Emprega mais adventistas, principalmente líderes .....	20

*Durante a conferência, após a discussão, expressa numa escala de 5,0 — 1 é sem importância, 5 é muito importante*

Falta de comunicação .....	4,3
Necessidade de esclarecer a missão especial e torná-la prioritária .....	4,0
Mentalidade de isolamento do adventismo .....	3,9
Falta de sinceridade .....	3,8
Aprender a operar os hospitais de maneira proveitosa .....	3,7

## Como deveríamos medir o sucesso da missão?

*Pré-conferência — antes da discussão, expressa como % do total das respostas*

Imagem positiva de crescimento do adventismo .....	45
Satisfação com o cuidado sem igual da saúde, da igreja .....	39
Participação e lucratividade de mercado aumentadas .....	37
Interesse demonstrado na fé e estilo de vida adventistas .....	31
Apoio da comunidade ao hospital ...	14

*Durante a conferência, após a discussão, expressa numa escala de 5,0 — 1 é sem importância, 5 é muito importante*

1 Apoio da comunidade ao hospital .	4,1
3 Participação e lucratividade de mercado aumentadas .....	3,8
2 Imagem positiva do crescimento do adventismo .....	4,0
4 Mudança de vida após contato com o hospital .....	3,8
5 Reconhecimento do nome adventista	3,6

## Como deveríamos envolver na missão cristãos de outras denominações?

*Pré-conferência — antes da discussão, expressa como % do total das respostas*

Treiná-los como sócios integrais ....	67
Simpatia com a condição de empregadora da missão .....	27
Dar testemunho ao staff sem proselitismo .....	24

*Durante a conferência, após a discussão, expressa numa escala de 5,0 — 1 é sem importância, 5 é muito importante*

Todos os cristãos podem ser envolvidos	4,7
A principal obra é o conforto, não o proselitismo .....	4,7
As pessoas de outros credos ajudam a execução da missão .....	4,2
As características adventistas irrelevantes no tratamento agudo .	2,6

\*Esta pesquisa foi qualitativa em lugar de quantitativa. Os dados não foram comuns às populações das quais foram tirados os tópicos, antes foram apresentados como uma representação exata das opiniões dos pesquisados. Os pontos divulgados foram trazidos à conferência para discussão.

# A Aids Desafia a Igreja

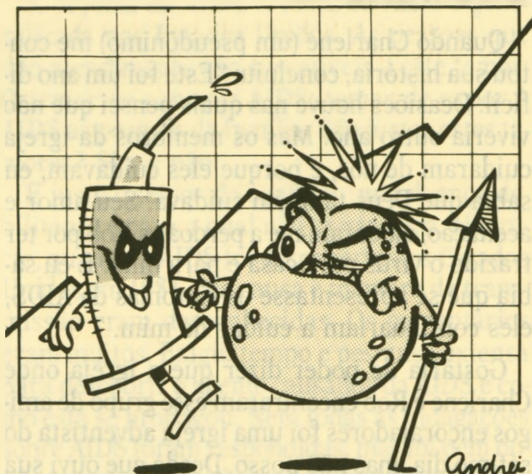
O autor entende que as pessoas portadoras de AIDS também são merecedoras de atenção material e espiritual, como acontece com as pessoas acometidas de outras enfermidades.

**A** princípio Charlene não estava muito certa se Rob não estava bem de saúde. Seu estado físico, porém, passou a ser objeto de observação, depois que um forte espasmo de tosse o levou em convulsão para o hospital. Pneumonia! A despeito da medicação, Rob não conseguia livrar-se de sua enfermidade. Seguiram-se os testes. Finalmente, o diagnóstico: AIDS (síndrome de deficiência imunológica adquirida).

Charlene deixou-se cair no sofá da sala de espera, completamente exausta, enquanto por sua mente agitada desfilavam os acontecimentos dos últimos dias, semanas e anos. A vida mudara muito rápido. River City, Estados Unidos, havia sido boa para ela e Rob. Ela tinha uma atividade bem remunerada. Ambos moravam numa casa confortável com os três filhos, cuja idade variava entre quatro, três e um ano. Tinham vizinhos. Isto, porém, foi antes, quando a vida era boa. Antes da AIDS.

Depois da AIDS a vida mudou. Primeiro, veio o problema da fobia da AIDS. A empregada estava assustada e se recusava a continuar cuidando das crianças. O patrão de Rob ficou com medo de AIDS, e assim Rob perdeu o emprego. Ele sempre controlou bem as finanças e pagou suas contas — agora estava às vezes muito doente. Quando o dinheiro era pouco, Charlene tinha que pedir misericórdia aos credores mas, finalmente, nem isso bastava. Ela era forçada a apelar para o bem-estar social e depois para o alojamento do governo.

Charlene passou o tempo que pôde no hospital enquanto Rob estava ali, e mais tempo ainda com ele enquanto esteve doente em casa.



Quando não estava com Rob, tinha que cuidar dos filhos, comprar e preparar o alimento e manter a casa em ordem nas circunstâncias difíceis de uma mudança desagradável.

Em sua tristeza e confusão, Charlene e Rob se voltaram para Deus e para um bondoso ministro que os levou a entregar a vida a Deus. Eles foram batizados e aceitos como parte dos membros da igreja. Não desejando enfrentar o terrível sofrimento da rejeição novamente, eles discutiram se deviam dizer aos membros que Rob tinha AIDS. Muito constrangidos, resolveram correr o risco.

Para sua felicidade, em lugar de rejeitá-los, os membros da igreja abriram o coração e os amaram. Enquanto Rob esteve hospitalizado, os membros da igreja cuidaram das crianças a fim de que Charlene pudesse visitá-lo. Eles faziam as compras. Preparavam o alimento. Limpavam a casa. Acima de tudo, asseguraram a Rob que Deus lhe perdoaria pela fabricação de drogas.

---

Íris Hayden Stober  
Diretor-Associado do Departamento  
de Saúde e Temperança da  
Associação Geral

Em menos de um ano, Rob morreu, em paz com a família, com os amigos e com Deus. E Charlene? Ela tem HIV (vírus de deficiência imunológica humana) positivo. Os filhos? Ninguém sabe por quanto tempo Charlene teve HIV positivo. Transmitiu ela o vírus para o bebê durante o processo de gestação? Terá o bebê o HIV positivo? Desenvolverá Charlene os sintomas da AIDS? Se desenvolver, o que acontecerá a seus filhos?

Quando Charlene (um pseudônimo) me contou sua história, concluiu: "Este foi um ano difícil. Ocasionalmente houve nas quais pensei que não viveria outro ano. Mas os membros da igreja cuidaram de nós, e porque eles cuidavam, eu sabia que Deus também cuidava. Seu amor e aceitação, ajudaram-me a perdoar a Rob por ter trazido o vírus para casa e para mim. E eu sabia que se apresentasse os sintomas da AIDS, eles continuariam a cuidar de mim."

Gostaria de poder dizer que a igreja onde Charlene e Rob encontraram esse grupo de amigos encorajadores foi uma igreja adventista do sétimo dia, mas não posso. Desde que ouvi sua história, muitas vezes tenho pensado em que resposta Charlene e Rob teriam recebido de uma igreja adventista. Por causa dos aspectos morais que a envolve, a AIDS pode apresentar um dilema não apenas para a igreja como instituição, mas para os membros como indivíduos, bem como para o pastor. Algum dia, no próximo futuro, você terá que lidar com algum portador de AIDS. Como você responderá?

É fácil algum de nós ler a respeito da AIDS em São Paulo ou no Rio de Janeiro e dizer: "Mas este problema jamais me dirá respeito." Contudo, as estatísticas indicam que cada um de nós terá um envolvimento mais aproximado com AIDS do que apenas ler uma história nos jornais. Está previsto que por volta do ano 2000 a AIDS terá matado mais pessoas nos Estados Unidos do que todas as guerras juntas. Pelo fato de a AIDS muitas vezes matar ambos os pais, prevê-se também que milhares de crianças serão deixadas órfãs. Já foram relatados casos de AIDS em todas as partes dos Estados Unidos e na maioria dos países do mundo.

A atenção da mídia muitas vezes se centraliza nos grupos de alto risco, mas são os comportamentos de alto risco, não os grupos de alto risco, que disseminam a AIDS. Pelo fato de os grupos de alto risco dos Estados Unidos terem

sido homossexuais e pessoas que usam droga intravenosa — vistas por muitos como membros de uma sociedade marginalizada — tem-se levantado a questão do consumismo de certas pessoas.

Valoriza Deus igualmente cada pessoa? Como Deus Se relaciona com os eventos do planeta Terra e os da vida de cada pessoa? Perdoa Deus uma pessoa que está com uma enfermidade terminal? Como representante de Deus, como lido eu com a morte e o agonizante, as atitudes de julgamento e a sexualidade?

Estas são questões complexas que devem ser enfrentadas para determinar o apropriado papel da igreja no trato com a epidemia da AIDS.

---

## Como Igreja, nossa responsabilidade com pessoas aidéticas é cada vez maior.

---

A AIDS desafia a resposta dos cristãos ao sofrimento e à tristeza esmagadores. Muitas vezes nossas reações não correspondem às verdadeiras atitudes de cristãos. Encontramo-nos em luta corporal com uma mistura de questões, sentimentos e atitudes pessoais:

1. *É a doença castigo de Deus?* Uma resposta antiquada baseia-se na antiga crença de que a enfermidade é castigo de Deus. Os amigos de Jó criam nisso e lhe disseram isso. "Lembrete: acaso já pereceu algum inocente? e onde foram os retos destruídos? Segundo eu tenho visto, os que lavram a iniquidade e semeiam o mal, isso mesmo eles segam. Com o hálito de Deus perecem; e com o assopro da Sua ira se consomem" (Jó 4:7-9).

Jesus enfrentou esse tipo de crença durante Seu ministério aqui na Terra. "Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os Seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus" (João 9:1-3). A declaração "vi-

sito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem" (Êxodo 20:5) muitas vezes é usada para indicar que a doença é punição de Deus. Alguns evangelistas de rádio e TV declaram que AIDS é castigo de Deus.

Essa crença, porém, é uma forma de fugir à responsabilidade de cuidar. Uma forma de fugir do envolvimento. É uma maneira de evitar seguir o exemplo do ministério de Cristo.

Com frequência cada vez maior, a ciência tem mostrado que os hábitos de vida são a principal causa de câncer, enfermidades das coronárias e outras doenças, bem como da AIDS. Há uma relação de causa e efeito, mas é isto castigo de Deus? Pune Deus um estilo de vida doentio mais do que a outro? Notai a reação de Deus no caso dos amigos de Jó e das atitudes destes. "Disse também (o Senhor) a Elifaz, o temanita: A Minha ira se acendeu contra ti, e contra os teus dois amigos; porque não dissestes de Mim o que era reto, como o Meu servo Jó" (Jó 42:7).

Esta questão é difícil de resolver, pois a resposta de cada pessoa depende de seu ponto de vista a respeito de Deus e de seu relacionamento com Ele. As crenças influenciam as atitudes, de maneira que é importante saber o que cremos a respeito de Deus e da doença.

2. *Atitude sobre a morte e o moribundo.* Salomão diz que há tempo para tudo. A ocasião apropriada para agonizar é a velhice. Uma das ocupações da vida é o preparo para a morte — quando a pessoa é idosa. A pessoa jovem morre, mas isto não é normal. A AIDS altera a ordem das coisas. Primeiramente ela ataca as pessoas que têm entre 20 e 40 anos de idade. Prevê-se que em alguns países a AIDS deverá, realmente, aniquilar uma geração de pais. Cuidar dos moribundos e das pessoas aflitas, obriga o pastor a enfrentar sua própria vulnerabilidade. Especialmente os pastores jovens, podem achar difícil lidar com um grupo de pessoas de sua idade que se encontram moribundas. Como deve agir a pessoa que cuida, com as frequentes mortes de jovens? Cada morte aflige. Entristece as famílias, os amigos e o pastor, que deve lidar com as necessidades espirituais da pessoa moribunda.

Há muitas maneiras de as pessoas lidarem com o doente de AIDS. Evitar a situação, construir uma concha em torno de si mesmo e, de alguma forma, distanciar-se da pessoa acometida de AIDS não a ajuda. As respostas posi-

vas envolvem empatia, atenção e cuidar da pessoa. Esta necessita de liberdade para expressar seu sofrimento, tristeza e raiva. Uma resposta clara, cheia de compaixão, pode esvaziar o pastor emocionalmente. O pastor e demais pessoas que dão atendimento só podem conviver com este esvaziamento mediante um estreito relacionamento com Deus e um sistema de apoio humano.

3. *A fobia da AIDS.* A fobia da AIDS é generalizada nos Estados Unidos. As pessoas que dão atendimento são suscetíveis a este temor: O temor de contrair AIDS; temor de expor à AIDS as pessoas da família. São justos estes temores? Sim e não.

É justo o temor de contrair uma doença debilitante e para a qual não existe cura. No início, quando a AIDS foi descoberta nos Estados Unidos em 1981, sua causa e maneira de transmissão eram desconhecidas. Os comentários eram muitos. Exigiu tempo e pesquisa extensa para descobrir o agente causador da AIDS e como esta se propagou. Nem todas as indagações sobre AIDS foram respondidas, mas foi bem documentado como a doença se propagou. Nenhuma informação nova sobre transmissão da AIDS foi descoberta desde 1984.

O HIV, precursor da AIDS, é encontrado em vários líquidos do corpo. Na maioria destes, como as lágrimas, ele não se encontra em quantidade suficiente para ser transmitido. O sêmen e o sangue, contudo, são bons condutores. Os homens e as mulheres infectados podem transmitir o HIV para parceiros sexuais de ambos os sexos. Além disso, o HIV pode ser transmitido por transfusão de sangue infectado ou produtos do sangue, e pelo uso de agulhas hipodérmicas não esterilizadas. Os instrumentos usados para tatuagem, furar orelhas, ou perfurar a pele com qualquer finalidade, podem transmitir o vírus. As mães podem transmitir o HIV aos bebês durante a gravidez e por ocasião do nascimento e, raramente, por meio do aleitamento.

Fora do corpo, o HIV não é resistente. Uma solução de cloreto de sódio o mata. O vírus é também considerado impotente se os líquidos do organismo, que contêm HIV, secarem fora do corpo. Não há nenhuma evidência de que os membros da família de um PWA se tenham tornado HIV positivo, senão através do contato sexual. O Centro de Controle de Doenças diz que apertar a mão ou abraçar um PWA é tão segu-

ro como apertar a mão de uma pessoa com AIDS ou abraçá-la. Se o PWA tiver uma doença infecciosa adicional, como a tuberculose, toda precaução normalmente tomada com respeito a essa doença deve ser usada.

4. *Riscos pessoais.* O envolvimento com PWAs põe-me em situações embaraçosas? Devo ser acusado de ser homossexual? Serei acusado de imoralidade? Serei acusado de ser “moderado em drogas” ou mesmo de tomar drogas? Impedirão as exigências de meu tempo e emoções que realize outro trabalho importante? Tolerarão meus superiores o que estou fazendo? Simpatizarão meus colegas membros da igreja? Como verá eles meu envolvimento com homossexuais, consumidores de droga e prostitutas?

São boas perguntas a considerar. Um pastor contou que dois terços de sua congregação passaram a ir a outras igrejas quando souberam que ele estava dando assistência espiritual a um membro de igreja que estava com AIDS. A fobia da AIDS e sua conseqüente condenação têm sido comuns. Nos Estados Unidos, a vida e a morte de Ryan White, que teve que travar repetidas batalhas no tribunal para conquistar o direito de freqüentar a escola pública após ter contraído o HIV por uma transfusão de sangue, dramatizou a fobia da AIDS. Porque pessoas importantes assistiram ao funeral, alguém disse que a fobia havia sido dominada. Mas na mesma semana em que Ryan morreu, o noticiário da mídia relatou que havia sido negado permissão para que uma criança com AIDS assistisse à escola dominical, baseada no seu diagnóstico.

Haverá situações embaraçosas? Provavelmente. Ajuda, lermos a respeito de estilos de vida diferentes do nosso, de maneira que estejamos pelo menos intelectualmente preparados para ir ao encontro dessas pessoas. Há disponível uma grande variedade de literatura. Algumas aprovam. Outras condenam. Algumas procuram entender. Confira a biblioteca ou a livraria local em busca de materiais. Ler os vários pontos de vista, fornece uma visão global melhor. Para uma compreensão ainda melhor, ouça alguns PWAs contarem sua história.

Há o risco de rotulagem? Existe essa possibilidade em qualquer tempo que a pessoa converse com outras ou com elas se associe. Há sempre pessoas que não entendem e que gostam de criticar. Jesus foi condenado dessa ma-

neira. “Pois veio João, que não comia nem bebia, e dizem: Tem demônio. Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutton e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores!” (Mat. 11:18 e 19).

“Evitar a aparência do mal” é sempre um bom conselho. Planejar a maneira de evitar esta aparência, ajudará a diminuir o problema. Uma igreja que faz plano para enfrentar o problema da AIDS, desenvolvido pelos membros e a comissão da igreja, dissipará muito da crítica. Jesus correu o risco? Sim! Devemos fazer o mesmo? Creio nisso. Só quando nos envolvemos com as preocupações das outras pessoas, conseguimos entender suas alegrias e tristezas. Com a compreensão, virão as oportunidades de partilhar o amor de Deus. Os PWAs, em especial, têm grandes necessidades espirituais que se tornam ainda mais opressivas pelo fato de terem um curto período de tempo para aceitar a salvação e se prepararem para a morte.

5. *Atitudes preconceituosas.* Intimamente relacionada com a fobia, está a atitude preconceituosa, que vê os PWAs de maneira diferente das pessoas que estão com outros tipos de doenças que põem em perigo a vida, tais como o câncer. Mesmo crianças que adquiriram o HIV por produtos do sangue, têm sido condenadas ao ostracismo.

É esta uma atitude condenada por Jesus? Muitos exemplos há da maneira de Jesus tratar com a doença e o enfermo. O paraplégico que foi descido pelo teto é um bom exemplo. Friamente, os fariseus o declararam incurável. Seu sofrimento, criam eles, era o resultado de seus próprios pecados e evidência do desagrado divino — de maneira que não revelaram nenhuma compaixão. Ao contrário, a atitude de Jesus era uma atitude de compaixão e perdão.

A atitude dos fariseus e escribas é muito mais comum entre nós do que gostaríamos de admitir. Essa atitude farisaica condena publicamente os PWAs como tendo recebido o castigo de Deus.

Quão receptivo sou eu à pessoa cujo estilo de vida desafia minha cultura e meu sistema de crença? Como respondo eu à pessoa que usa droga ilegalmente? Como reajo em relação a um marido ou esposa promíscuos que trazem AIDS para casa e contaminam seu esposo ou esposa? Sou capaz de amar a pessoa sem condenar sua conduta? Revela minha atitude o amor de Deus para com essas pessoas?

Os diretores da Unidade Isenta de Omissão e do Programa de Renascimento da Dependência Química do Hospital Covina Oeste da Califórnia, contam como acontece a estereotipagem com os consumidores de droga. Muitas pessoas consideram os viciados como refugos derrotados que dormem nas calçadas de nossas grandes cidades. Os diretores dizem que seus pacientes não são assim. "Nossos pacientes em geral são da classe média alta. São funcionários com boa formação e boas ocupações. As pessoas têm mentes estreitas com respeito a quem tem AIDS. Não são só os derrotados que vivem fora das ruas. É qualquer pessoa."<sup>1</sup>

---

Contrariando os  
entraves que  
cercavam o Seu  
tempo, no que se  
refere à doença,  
Jesus curou a  
pessoas com lepra.  
Seguir-Lhe o exemplo  
hoje, pode significar  
dar assistência a  
aidéticos.

---

Há alguns passos que considero úteis no desenvolvimento de uma atitude semelhante à de Cristo: 1) A análise de meu relacionamento com pessoas que têm um estilo de vida diferente. O que revela o relacionamento quanto a minha atitude para com essas pessoas? 2) Ter um observador confiável, proporciona-me uma avaliação honesta de minhas reações. 3) Se sou um reprovador, eu retorno à Bíblia e estudo outra vez os fundamentos de minhas crenças. A reafirmação da Bíblia me torna mais confiante em minhas crenças e menos ameaçador das crenças alheias. Desejo que os padrões bíblicos, as normas não culturais, dirijam as minhas ações. 4) Estudo a atitude de Jesus para com diversas

pessoas: Os fariseus, os publicanos, os leprosos, os ladrões, os cegos, o rico, o pobre, o enfermo. 5) Peço a Deus que me dê amor para os que acho difícil amar, e me encha de Seu amor, de maneira que eu possa ajudar as pessoas que sofrem. 6) Admito que não posso ser tudo para todas as pessoas. Enquanto minha compreensão aumenta e minha atitude muda, procuro alguém que possa relacionar-se afetivamente com a pessoa necessitada quando eu não posso.

6. *Sexualidade.* Uma vez que as relações sexuais são uma das principais maneiras de transmissão da AIDS, a sexualidade constituirá um problema. O risco de contrair AIDS aumenta grandemente no caso de pessoas que têm parceiros sexuais múltiplos. A igreja condena vigorosamente os parceiros múltiplos, de maneira que achamos difícil relacionar-nos com pessoas que transgridem o sétimo mandamento. Podemos achar ainda mais difícil se os envolvidos são bissexuais ou homossexuais, ou se eles prejudicam sexualmente os filhos. Na área da transmissão sexual, a AIDS é um problema de promiscuidade sexual. Isto suscita uma pergunta. Posso relacionar-me de maneira redentora com os promíscuos sexualmente — tanto heterossexuais como homossexuais? A condenada Maria parou diante de Jesus. Ela não via nenhuma comiseração nos olhos dos seus acusadores. A resposta de Jesus foi de condenação ao pecado, mas de amor ao pecador. Só com uma infusão do amor de Deus, posso dar a resposta de Jesus às pessoas com quem me encontro: "Nem Eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais" (João 8:11).

7. *Está envolvido o aconselhamento pastoral.* Como a AIDS afetará o aconselhamento antes do casamento? Sugeriria você proteção contra o HIV? Como aconselharia você uma pessoa casada cujo cônjuge é infiel? Qual seria sua resposta quando um membro de igreja vem a você e diz que está com HIV positivo? O que você aconselharia ao PWA e à família? Como você lidaria com as questões de confiança ou os direitos individuais *versus* a proteção do cônjuge? Estas perguntas são complexas. As respostas podem ser encontradas mediante estudo, seminários e discussões com outros pastores.

8. *Administração da igreja.* Que precaução você deveria tomar ao batizar uma pessoa com AIDS? O que dizer a respeito do lava-pés? Pode um ancião com AIDS partir o pão da Santa Ceia? Há algum preparativo especial para uma

cerimônia fúnebre? Como deveria um pastor que está com AIDS ser tratado por seus colegas? Pela administração? Algumas dessas perguntas são facilmente respondidas por meio do conhecimento de como a AIDS é transmitida. A maneira como um pastor contagiado é tratado depende de nossa compreensão a respeito de Deus. As leis antidiscriminatórias também influenciam as decisões.

---

## A maneira como um pastor contagiado é tratado, depende de nossa compreensão a respeito de Deus; e das leis antidiscriminatórias.

---

### Desafios sem iguais

---

**A**lguém pode perguntar: "Por que a AIDS é diferente? Não tivemos sempre a doença conosco?" Sim, tivemos. Mas a sociedade tem reagido para com a AIDS de maneira diferente da que revela para com outras doenças. A sociedade tem rejeitado constantemente os PWAs, até o ponto de expulsá-los da comunidade. Alguns pastores têm dito que Deus não lhes perdoa.

Além disso, há o problema do desespero. A pessoa que está com câncer e doenças cardíacas tem alguma esperança de ser curada. No momento, não há nenhuma cura para a AIDS. A AIDS é uma doença debilitadora com acessos recorrentes da doença que deixam a pessoa enferma cada vez mais fraca. Os PWAs estão enfrentando a morte. Eles necessitam de aten-

ção física e espiritual. Como Charlene, os membros da família são atirados em circunstâncias estranhas e necessitam de assistência. Talvez ambos os pais da família estejam doentes, separando-se dos filhos que necessitam de cuidado. Toda a família necessita de cuidado espiritual. Muitas dessas pessoas sofreram rejeição por parte da igreja mesmo antes de contrair AIDS. Elas podem estar sentindo grande remorso e não ter nenhuma esperança de cura ou vida eterna.

Kevin Gordon, falando para uma conferência ecumênica, desafia a igreja: "A AIDS, pois, está na agenda ecumênica por causa do índice alarmante em que a doença está aumentando, e também porque muita da discriminação contra as pessoas aidéticas, de maneira revoltante, alegam fundamentos religiosos. ... Devemos fazer parte da resposta — as Boas Novas — e não parte do problema. Alguns podem pensar que esta doença oferece uma ocasião oportuna para que a igreja julgue a AIDS; ironicamente, e em última análise, será a AIDS que julgará a igreja."<sup>2</sup>

A igreja enfrenta o desafio de ser pertinente às necessidades tanto do indivíduo como do mundo ao achar-se diante da crise da AIDS. Aceitará ela esse desafio? Avalia realmente a igreja cada pessoa como alguém de valor inestimável por quem Cristo morreu? É a salvação realmente oferecida a cada indivíduo. O mundo está observando como a igreja passa nesse teste. Resistirá ela ao escrutínio? Passará no teste a Igreja Adventista do Sétimo Dia? Como enfrentaremos o desafio?

Como em todos os aspectos da vida, Jesus é nosso exemplo. Ele veio a este mundo revelar o amor de Deus à humanidade. Os evangelhos relatam fragmentos dos acontecimentos de Sua história de amor. O leproso pediu socorro; Jesus tocou nele e o curou. Um homem desceu pelo teto; Ele lhe perdoou e o curou. O cego e mudo veio; Ele o tocou e o curou. Sim, Ele tinha compaixão em Seu ministério. Ele tocava. Ele perdoava. Ele curava. Ele Se misturava com as multidões. E hoje Ele pede a Sua igreja que Lhe siga os passos.

- 
1. Mia Oberlink, "HIV and Chemical Dependency", *AIDS Patient Care*, fevereiro de 1989, págs. 30-33.
  2. David G. Hallman, *Aids Issues; Confronting the Challenge* (Nova Iorque; The Pilgrim Press, 1989), pág. 171.